

DÉBORA WILZA DE OLIVEIRA GUEDES

**EDUCAÇÃO CONTINUADA E PROJETO DE VIDA DE PESSOAS
IDOSAS**

MESTRADO EM GERONTOLOGIA

PUC / SP
SÃO PAULO
2006

DÉBORA WILZA DE OLIVEIRA GUEDES

**EDUCAÇÃO CONTINUADA E PROJETO DE VIDA DE PESSOAS
IDOSAS**

Dissertação apresentada à Banca Examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como exigência parcial para obtenção do título de Mestre em Gerontologia, sob orientação da Profa. Dra. Nadia Dumara Ruiz Silveira.

PUC / SP
SÃO PAULO
2006

Banca Examinadora

Ao Paulo, amor da minha vida.

AGRADECIMENTOS

Aos idosos que participaram deste estudo, pelos quais sou apaixonada.

À Profa. Nadia D. R. Silveira, pela atenção, pelo carinho e extremada eficiência.

À Profa. Elizabeth M. Liberato que é e será sempre, para mim, modelo de competência e humanidade.

À Profa. Suzana R. Medeiros, pelo dom de ensinar e por ser tão acolhedora.

À minha família, meu esteio.

Aos meus amigos, que são tantos. Sei que torcem por mim e moram no meu coração.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	09
CAPÍTULO 1: LONGEVIDADE, ENVELHECIMENTO E VELHICE.....	13
CAPÍTULO 2: EDUCAÇÃO CONTINUADA E UNIVERSIDADE ABERTA À TERCEIRA IDADE	22
2.1: Educação Continuada.....	23
2.2: Universidade Aberta à Terceira Idade.....	28
2.3: Faculdade da Terceira Idade UNIVAP.....	33
CAPÍTULO 3: PROJETO DE VIDA DO IDOSO, AUTO-ESTIMA E LIBERDADE.....	38
3.1: Projeto de Vida.....	39
3.2: Auto-Estima.....	45
3.3: Liberdade.....	48
CAPÍTULO 4: RESULTADOS DA PESQUISA.....	52
4.1: Procedimentos Metodológicos.....	53
4.2: Resultado da Análise dos Dados.....	58
4.2.1: Liberdade.....	59
4.2.2: Auto-Estima.....	68
4.2.3: Educação Continuada.....	76
4.2.4: Projeto de Vida.....	85
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	99
BIBLIOGRAFIA.....	103
ANEXOS.....	115

RESUMO

O envelhecimento é um processo natural para o ser humano e a velhice é uma de suas fases que, como as demais, possui características próprias. O envelhecimento populacional e a longevidade apresentam à sociedade e aos indivíduos novos desafios sobre como oferecer condições aos idosos para que continuem desenvolvendo seu potencial de vida. Para que esse desenvolvimento se faça plenamente, é importante o idoso estar inserido no contexto educativo e a educação continuada voltada às peculiaridades dos idosos atende essa demanda. O ser humano mantém, mesmo nas idades mais avançadas, a necessidade e a capacidade repensar sua vida, cabendo a cada indivíduo e à sociedade, de modo geral, garantirem as condições necessárias para que os idosos se sintam incentivados para realizar novos projetos de vida. Esta pesquisa, realizada na Faculdade da Terceira Idade UNIVAP, no município de São José dos Campos, SP, teve como objetivo verificar a existência da relação entre educação continuada e projeto de vida de pessoas idosas, visando ampliar o conhecimento existente nessa área e contribuir com programas e projetos voltados para idosos. Os resultados obtidos nesta pesquisa demonstram a existência de uma relação entre educação continuada e projeto de vida de pessoas idosas, indicando a importância da sua inclusão em programas que incluam atividades voltadas para a construção e realização de projetos de vida.

PALAVRAS-CHAVES: Velhice, Educação Continuada, Projeto de Vida.

ABSTRACT

Aging is a natural process for the human being and the old age, as well as the other stages of life, has its own features. The Population aging and longevity bring up new challenges to the society and to the individuals on how to offer the elderly conditions so they can keep developing their life potential. In order to have a full development of it, the elderly should be inserted in the educational context, and the continuing education approach meets this demand. The human being keeps, even at the most advanced ages, the need and ability to rethink life and it is up to each individual and to the society, on the whole, to guarantee the necessary conditions so the elderly feel encouraged to make new life projects. This research, carried out at the Faculdade da Terceira Idade UNIVAP, in the city of São José dos Campos, SP, aimed at verifying the existence of relationship between the continuing education and the elderly life project, as well as, intended to broaden the knowledge of this area and to contribute to projects and programs directed to the elderly. The results of this research show the existence of a positive relation between the continuing education and the elderly life project and point out the importance of including them in programs with activities that encourage the elderly to plan and accomplish life projects.

Keywords: Elderly, Continuing Education, Life Project.

INTRODUÇÃO

O envelhecimento do ser humano é um processo natural, inerente ao desenvolvimento das potencialidades de cada indivíduo. A velhice faz parte desse processo, sendo considerada uma fase com características próprias e peculiares.

Entretanto, como todas as outras fases da vida, que não são estanques ou independentes, a velhice também apresenta dificuldades e facilidades que se relacionam aos diferentes momentos que caracterizam a trajetória de vida das pessoas.

O aprendizado é uma condição que acompanha o indivíduo em todas as fases da sua vida e, em todas elas, mostra-se igualmente importante para o seu pleno desenvolvimento, ao corresponder às características e necessidades próprias de cada momento vivido.

O tema desta dissertação, “Educação Continuada e Projeto de Vida de Pessoas Idosas”, foi definido a partir de observações sobre transformações significativas ocorridas com os idosos nas atividades educacionais vivenciadas no âmbito da Faculdade da Terceira Idade UNIVAP, muitas delas ainda desconhecidas em seus contornos.

Essas transformações contemplam questões de grande interesse envolvendo temas relacionados à realidade do envelhecimento, da velhice e da educação continuada, elementos estes integrantes do objeto de estudo desta pesquisa, constituindo-se nas principais categorias da base teórica deste estudo.

Observou-se, também, no universo dos idosos da Faculdade da Terceira Idade UNIVAP, a presença de um fato específico, relacionado à questão dos

projetos de vida. Dada sua relevância, essa categoria passa a ser incorporada para efeito de fundamentação teórica, somando-se às três anteriores: envelhecimento, velhice e educação continuada.

No primeiro capítulo são apresentadas as referências teóricas sobre longevidade, envelhecimento e velhice , para explicitação dos conceitos essenciais que compõem esses fenômenos, considerando os objetivos pretendidos para esta pesquisa.

A base teórica sobre educação continuada orientada para o segmento idoso da população, com enfoque específico nas faculdades voltadas para a terceira idade, entre as quais a Faculdade da Terceira Idade UNIVAP, está contida no segundo capítulo.

As principais características definidoras da Faculdade da Terceira Idade UNIVAP, incluindo a identificação do ambiente físico onde a pesquisa foi desenvolvida, também fazem parte do capítulo anteriormente mencionado.

O terceiro capítulo abarca as referências teóricas sobre projeto de vida, auto-estima e liberdade, na perspectiva de sistematizar os conteúdos referentes a esses conceitos, considerando a realidade do segmento idoso e o contexto correspondente ao objeto desta pesquisa.

Os resultados da pesquisa de campo compõem o quarto capítulo deste trabalho, que está dividido em duas partes: na primeira são apresentados os procedimentos metodológicos e na segunda os resultados da análise dos dados

coletados através da realização de entrevistas, conforme os procedimentos metodológicos adotados para a realização deste trabalho.

As considerações finais foram elaboradas a partir das reflexões mais relevantes recolhidas a partir de todo o processo da pesquisa, objetivando apresentar as principais contribuições, do estudo realizado.

Capítulo 1:

***LONGEVIDADE, ENVELHECIMENTO E
VELHICE***

O envelhecimento populacional, fenômeno que ocorre mundialmente, torna-se muito relevante para a sociedade, havendo previsões da Organização das Nações Unidas - ONU, de um salto na proporção de idosos. Em 1999 havia um idoso para cada dez pessoas, em termos mundiais, número que poderá chegar a um idoso para cada cinco pessoas em 2050 e um para cada três pessoas, em 2150.

Este fenômeno é um fato incontestável diante dos dados demográficos que apontam para uma realidade em que se constata, conforme CAMARANO (2002:58), “[...] um crescimento mais elevado da população idosa com relação aos demais grupos etários.”

As estatísticas apontam para o fato de que o aumento da população idosa é também acompanhado de uma elevação da expectativa de vida, caracterizando o fenômeno da longevidade, uma realidade cada vez mais incontestável.

Diversos fatores podem explicar a longevidade humana como os avanços da tecnologia, incluindo a produção de vacinas e medicamentos, além de outras práticas e políticas públicas, como as de saneamento básico, que têm contribuído para o declínio dos índices de mortalidade.

O desenvolvimento das ciências médicas também tem minimizado o efeito progressivo de doenças, contribuindo para o aumento da longevidade e, de outro lado, a sociedade atual se caracteriza por uma taxa de fecundidade que vem se mantendo abaixo daquelas constatadas em décadas anteriores.

O Brasil também se inclui nesse contexto mundial, e os estudos demográficos demonstram que, partir da década de 70, a sociedade brasileira iniciou um processo de mudança perceptível, pois, até então, o país possuía uma população predominantemente jovem. Segundo dados do IBGE, Censo de 2000, a projeção para 2025 será de 30 a 33 milhões de idosos, o que corresponde à 13% população total.

Como indica CAMARANO (2002:58), tanto o envelhecimento populacional como a longevidade são resultados de políticas e incentivos públicos, além de serem os mais visíveis efeitos positivos do progresso tecnológico em favor da sociedade. Mas, apesar das iniciativas no campo político e dos avanços tecnológicos, essa realidade gera preocupações sociais como em relação aos recursos econômicos efetivamente disponíveis para atender às necessidades e direitos dos idosos.

Neste sentido, a possibilidade concreta de uma vida longa, enquanto uma conquista da sociedade contemporânea, não significou a obtenção de uma forma adequada de atender as necessidades da população idosa. Essa contradição entre os avanços e a condição de exclusão da população idosa é referida por MEDEIROS (2004:186):

Finalmente, no século XXI, a longevidade foi atingida. Viver até 100 anos ou mais é uma possibilidade concreta a ser alcançada. O interessante, porém, foi que, ao mesmo tempo em que a longevidade se tornou real, os velhos começaram a perder espaço na família e na sociedade.

A compreensão desta situação de contraste requer considerações sobre o processo de envelhecimento e da velhice em si. O envelhecimento é um processo contínuo de desenvolvimento do ser humano, marcado pelas transformações ocorridas ao longo da vida, desde o momento do nascimento até a morte. É uma condição natural que faz parte da vida de todas as pessoas.

Embora seja uma condição natural do ser humano, o envelhecimento não ocorre da mesma forma e no mesmo ritmo para todos os indivíduos, correspondendo às peculiaridades da vida de cada pessoa. É nesse sentido que PY (2004:110) afirma:

O processo de envelhecimento do corpo é peculiar à individualidade de cada ser e acontece pela ação do tempo. A matéria humana vive o seu próprio tempo físico, desde o nascimento até a morte, experimentando transformações contínuas na organicidade de seus ritmos biológicos.

Devemos ainda ressaltar que se caracteriza por um processo determinado pelos aspectos formadores da individualidade de cada pessoa, incluindo componentes biológicos, psicológicos e sociais que estão constantemente se modificando no decorrer da vida. De acordo com as considerações de MONTEIRO (2003:28):

Portanto, não somente os velhos envelhecem. Estamos envelhecendo a todo momento de nossas vidas. Da concepção à morte, nunca deixamos de envelhecer. Por esse fato, podemos considerar que envelhecer é sinônimo de viver.

O envelhecimento é também identificado como processo de declínio das condições de vida do indivíduo. Nesta visão específica, o termo envelhecimento

seria reservado para designar uma fase da vida marcada por perdas. Reforçando esse entendimento, NÉRI (2001:69) apresenta o envelhecimento enquanto:

[...] o processo de mudanças universais pautado geneticamente para a espécie e para cada indivíduo, que se traduz em diminuição da plasticidade comportamental, em aumento da vulnerabilidade, em acumulação de perdas evolutivas e no aumento da probabilidade de morte.

Neste modo de conceituar o envelhecimento, marcado pelo declínio do indivíduo, cabe refletir sobre o momento em que tem início esse processo, o que nos leva a enfatizar a idéia de que o envelhecimento manifesta-se nas várias dimensões formadoras do ser humano (biológica, psicológica, social), que são constituídas das vivências peculiares de cada pessoa.

No âmbito dessa constatação, esclarece SCHARFSTEIN (2004:321) que “[...] o processo de envelhecimento do sujeito idoso deve ser compreendido a partir do enfoque biopsicossocial. Ou seja, a interação da dimensão biológica, psicológica e social do envelhecimento.”

Quanto ao declínio biológico, ocorre de acordo com os hábitos de vida de cada indivíduo, em relação às atividades físicas que desenvolve, sua alimentação e exposição às condições climáticas. Por outro lado, cada órgão do corpo humano, assim como as regiões neurológicas, envelhece num ritmo próprio, decorrente de características da natureza humana e, também, dos hábitos de vida.

O declínio psicológico resulta da maneira com que cada indivíduo lida com suas emoções, suas condições de auto-conhecimento e reações frente a

sofrimentos enfrentados nas suas vivências que se constituíram experiências marcantes.

O aspecto de declínio, sob a ótica sócio-cultural, evidencia que os valores de cada cultura variam de acordo com o momento histórico, determinando o que cada sociedade conceitua como “declínio” para o indivíduo.

BEAUVOIR (1990:19) faz considerações críticas referentes às dificuldades de se demarcar o envelhecimento pela involução orgânica que, em certos aspectos, tem início, no ser humano, a partir dos 20 anos. A autora também se refere à complexidade dessa questão ao afirmar não haver referência segura para se estabelecer o momento de apogeu, a partir do qual teria início o declínio do indivíduo, considerando que:

Definir o que é para o homem progresso ou regressão supõe que se tome como referência um determinado fim; mas nenhum é dado *a priori*, no absoluto. Cada sociedade cria seus próprios valores: é no contexto social que a palavra “declínio” pode adquirir um sentido preciso.

Mesmo havendo dificuldades em se estabelecer o momento inicial do envelhecimento, pela visão de declínio, é possível afirmar a existência de uma fase de velhice humana, marcada por características próprias e identificada por mudanças biológicas que ocorrem no organismo do indivíduo com o passar dos anos. Os idosos apresentam características próprias nesta fase, tais como cabelos brancos, rugas e diminuição de suas habilidades motoras.

Outro aspecto que caracteriza a velhice é o acúmulo de experiências vivenciadas pelo idoso, que podem ser utilizadas para uma vida melhor para si e

para a sociedade em que está inserido. A possibilidade de transformar essa grande quantidade de vivências e conhecimentos em sabedoria coloca o idoso em uma posição singular em relação às crianças, jovens e adultos.

Os idosos são tratados de diferentes maneiras, dependendo dos valores que predominam nos diferentes tipos de sociedade. Existem aquelas que os colocam em posição de superioridade em razão da sua sabedoria e outras, a exemplo da nossa que os estigmatizam, em razão do preconceito e do despreparo para lidar com a velhice.

As formas de reação dos idosos, de modo geral, decorrem da maneira como cada sociedade se expressa frente à condição da velhice. BEAUVOIR (1990:16) assinala a condição na qual “[...] o indivíduo é condicionado pela atitude prática e ideológica da sociedade em relação a ele.”

Portanto, ao conceituar a velhice é necessário considerar o conjunto dos aspectos biológicos, psicológicos e sociais, além das experiências vividas pelo idoso, na sua trajetória pessoal, em especial suas reações frente à realidade que o cerca.

SALGADO (1982:29) afirma a importância de se entender a velhice a partir de uma visão que contemple as dimensões e interações sociais do indivíduo idoso, nessa etapa da vida:

A atitude mais acertada está em entender a velhice como uma circunstância ampla com múltiplas dimensões. Sendo um momento do processo biológico, não deixa de ser também um fato social e cultural. [...] A partir de todas essas considerações,

propomos seja a velhice entendida como uma etapa da vida na qual, em decorrência da alta idade cronológica, ocorrem modificações de ordem biopsicossocial que afetam a relação do indivíduo com o meio.

Considerando como critério de classificação a faixa etária, a Organização Mundial da Saúde – OMS identifica como idoso o indivíduo a partir de 60 anos, que reside em países em desenvolvimento ou a partir de 65 anos, para os que vivem em países desenvolvidos.

Essa classificação demonstra que a OMS considerou relevantes os aspectos de proteção social que são oferecidos aos cidadãos segundo o estágio de desenvolvimento em que se encontra cada país. Isso porque, os aspectos de declínio que caracterizariam a velhice associada à necessidade de cuidados especiais aos idosos podem manifestar-se mais tardiamente em razão de uma infância, juventude e maturidade vividas em situação social de maior proteção.

Percebe-se, também, que melhores condições de envelhecimento surtem efeitos na manutenção do indivíduo no mercado de trabalho, podendo ocorrer uma aposentadoria mais tardia. Nesse contexto coloca-se também a possibilidade de geração de novas relações sociais de trabalho e ocupação para o idoso, admitindo-se sua capacidade para idealizar novos projetos, contrariando a visão preconceituosa da improdutividade desse segmento.

Considerando estas situações, ERBOLATO (2000:47) examina os critérios que levaram ao estabelecimento da idade de 60 anos como marco para a velhice nos países em desenvolvimento. Esses critérios basearam-se em estudos científicos europeus do século passado, quando foram identificadas alterações de

tamanho e funcionamento nos órgãos humanos, e sua relação no estabelecimento do momento da aposentadoria dos operários. Neste sentido, conclui a pesquisadora que:

Embora não se possa comparar as condições atuais de idosos com um certo nível econômico – com acesso a serviços de saúde, à educação, entre outras coisas – com as condições de vida extremamente insalubres dos operários da época da revolução industrial (cujos corpos serviram como base para os estudos dos pesquisadores), ainda se aceita a idade de 60 anos como um marco.

O que se deve ter em mente é que, independentemente da idade cronológica, a velhice, como todas as demais fases da vida, apresenta-se com características e necessidades próprias. Conhecer e aprender a conviver com essas características ou mesmo superá-las em seus aspectos negativos, para que o idoso viva de modo pleno essa fase da sua vida, é um desafio, tanto para os idosos, quanto para os que estão envelhecendo e para as instituições que compõe a sociedade.

A educação continuada surge como um instrumento facilitador da transmissão e construção de conhecimentos sobre o processo de envelhecimento, abrindo alternativas para uma velhice vivida com plenitude. No capítulo que se segue abordaremos essas questões, considerando as inter-relações que as envolvem em uma das modalidades existentes: a Faculdade da Terceira Idade.

Capítulo 2

***EDUCAÇÃO CONTINUADA E UNIVERSIDADE
ABERTA À TERCEIRA IDADE***

2.1 EDUCAÇÃO CONTINUADA

A educação é um processo que visa o desenvolvimento potencial do ser humano, do ponto de vista individual e social. A educação desperta e aprimora aptidões e conhecimentos para que o indivíduo desenvolva-se e participe da construção da sociedade.

A realização dos objetivos individuais e sociais fundamenta a idéia de educação, como expõe MACHADO (2004:21) ao afirmar que tem sido uma característica constante da educação, em diferentes épocas e culturas, “[...] a permanente busca da dupla construção, da simbiose, do entrelaçamento e da fecundação mútua entre projetos pessoais e projetos coletivos.”

O aprendizado acompanha o ser humano em todas as fases de sua vida com características próprias em cada uma dessas fases. Conforme PALMA (2000:93), é consensual haver uma velocidade cada vez maior no fluxo de informações necessárias para que o indivíduo possa permanecer sintonizado com as atualizações e progressos tecnológicos e culturais imprescindíveis à sua inserção social.

É nesse contexto que se constrói a chamada “educação de adultos”, que tem por objetivo a continuidade do processo de aprendizagem após o término do período escolar e que oferece condições para que os indivíduos integrem-se ao meio social. Conforme PALMA (2000:104), a educação de adultos pode ser também definida como “[...] a educação continuada que prepara adultos para que adquiram consciência crítica da sua sociedade e, logo, a modifiquem.”

De modo geral, a educação é reconhecida pela legislação básica do país como um direito do cidadão. A Constituição Federal afirma no artigo 205:

A educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho.

Como elemento essencial integrante da vida social, o processo educativo é um instrumento permanente para a construção e o exercício da cidadania e a educação continuada, enquanto uma de suas modalidades, tem igual valor. É neste sentido que LIBERATO (1996:12) destaca:

A educação é fundamental para que o indivíduo, além de adquirir conhecimentos, cultura, princípios e normas de ação, desempenhe seu papel na família e na sociedade, reconhecendo-se como cidadão consciente de suas responsabilidades e direitos.

Porém, em nossa sociedade, a parcela idosa da população forma um segmento excluído, que recebe um tratamento social marginalizante e preconceituoso. Ignora-se a capacidade intelectual e as características emocionais do idoso, além da desconsideração das experiências que traz consigo. A sociedade impõe ao idoso os seus valores, impedindo ou dificultando a sua participação na transformação e construção do seu espaço social de convivência.

Para FREIRE (1987: 61):

[...] os chamados marginalizados, que são os oprimidos, jamais estiveram 'fora de'. Sempre estiveram 'dentro de'. Dentro da estrutura que os transforma em 'seres para outro'. Sua solução,

pois, não está em 'integrar-se', em 'incorporar-se' a esta estrutura que os oprime, mas em transformá-la para que possam fazer-se 'seres para si'.

A participação dos idosos em projetos de educação continuada coloca-se como alternativa para a construção e efetivação dos seus direitos sociais e políticos, pois a inserção cidadã do idoso implica em mudanças sociais a serem alcançadas, construídas. Essas mudanças, conforme BEAUVOIR (1990:14), exigem "uma transformação radical" da sociedade e não simplesmente a colocação do idoso dentro de um espaço social já existente.

Trata-se de tarefa educacional por excelência, dentro de uma visão de educação enquanto elemento de mudança, transformação social e compreensão mútua, como afirma MORIN (2002: 104):

A compreensão é ao mesmo tempo meio e fim da comunicação humana. O planeta necessita, em todos os sentidos de compreensão mútua. Dada a importância da educação para a compreensão, em todos os níveis educativos e em todas as idades, o desenvolvimento da compreensão necessita da reforma planetária das mentalidades, esta deve ser a tarefa da educação do futuro.

A educação é igualmente importante enquanto instrumento pelo qual o idoso renova suas aptidões e adquire outras habilidades para continuar exercendo seu papel social e desenvolvendo integralmente seus potenciais individuais no espaço social em que está inserido.

Sob este aspecto, destaca-se a questão do desenvolvimento tecnológico e da velocidade de informações na sociedade contemporânea. Tais fatores, por um

lado, implicam em qualidade de vida, facilidade de comunicação e integração dos vários povos do mundo, mas, por outro lado, podem resultar na desvalorização do conhecimento que não acompanha o ritmo da evolução, impondo a necessidade de constante atualização do indivíduo.

Neste sentido, a educação continuada atua como forma de proporcionar ao idoso contato com as informações mais recentes, permitindo seu desenvolvimento enquanto indivíduo sintonizado com a sociedade em que vive.

Há também outro aspecto em que a educação continuada influencia positivamente no modo de viver do idoso, no que se refere à sua necessidade de continuar construindo laços de convivência. A educação realmente oferece ao idoso um espaço privilegiado de convivência com outros idosos, onde fortalecer sua identidade, reconhecendo várias possibilidades do envelhecimento, já que compartilha com outros indivíduos a construção de visões próprias acerca da velhice, de si mesmos, da sociedade, enfim, de assuntos que lhes interessam diretamente.

Nesse espaço é possível refletir sobre as características da velhice e construir uma visão fundamentada sobre suas reais dimensões, elaborando um modo de usufruir os aspectos positivos e superar ou mesmo conviver positivamente com as dificuldades que possam estar presentes nessa fase.

A convivência do idoso no espaço social construído em torno da educação continuada não ocorre apenas com indivíduos da sua faixa etária, há também uma inter-relação com pessoas de outras idades.

Essa experiência intergeracional permite ao idoso mostrar o seu universo e sua singularidade, e esse conhecimento poderá despertar os mais jovens na percepção das possibilidades que a velhice oferece e das mudanças necessárias para se viver plenamente. Significa, portanto, construir uma aliança entre os idosos e os mais jovens para a uma sociedade mais consciente acerca dessa fase da vida.

O contato intergeracional também permite ao idoso perceber o quanto as suas experiências vividas são importantes para os mais jovens, como elas expressam a “história viva” da comunidade, o que lhe permite ter uma imagem mais real e positiva de si mesmo.

Esses aspectos são percebidos por BOTH (1999:38) quando afirma:

O diálogo entre gerações traz o benefício da melhoria da consciência comunitária, da consciência pessoal dos narradores da cultura e dos mais jovens, que se descobrem na revelação do universo existencial do passado.

A educação continuada, portanto, pode se constituir numa importante aliada das pessoas idosas na construção da visão de si mesmas baseada na realidade da velhice, permitindo mostrar também que, embora a sociedade não esteja totalmente consciente das implicações da longevidade, existem idosos que estão ressignificando suas histórias e construindo projetos de vida a partir de uma nova visão da velhice.

2.2 UNIVERSIDADE ABERTA À TERCEIRA IDADE

O fenômeno do envelhecimento populacional manifestou-se com especial intensidade nos países europeus, o que se explica por apresentarem taxas de natalidade baixa e serem os primeiros e maiores beneficiados dos progressos sociais alcançados na modernidade, através dos avanços científicos e tecnológicos.

Nesses países não ocorreu apenas uma intensificação desse fenômeno, surgiu, também, uma modificação na própria população idosa, que passa a ver de modo positivo o período da velhice, em especial o período da aposentadoria.

Tem-se, assim, uma população idosa numerosa e desejosa de viver com satisfação a sua fase de velhice, o que leva à exigência do desenvolvimento de serviços e profissionais que atendam à sua demanda.

Analisando esses aspectos do envelhecimento, com base em fatos ocorridos na França, PALMA (2000:52), aponta a demanda dos idosos como fator que “[...] provoca o surgimento de programas envolvendo a terceira idade, mais especificamente a universidade da terceira idade, cuja experiência francesa servirá de modelo para outras experiências mundiais similares.”

Na década de 1960 surgiu na França a experiência de criação de faculdades de tempo livre, preocupadas em oferecer um espaço de convivência cultural e sociabilidade que preenchesse o tempo livre da população de idosos.

Essas faculdades foram precursoras da idéia da universidade da terceira idade, que teve sua primeira experiência concreta na cidade de Toulouse, em 1973, com Pierre Vellas à frente da *Université du Troisième Âge*. Essa iniciativa surgiu com objetivos diferenciados de uma simples continuidade educacional formal. Pautando-se nas necessidades próprias dos idosos, buscava retirá-los do isolamento, oferecer-lhes maneiras de vivenciarem de modo pleno sua condição e modificar a imagem negativa que a sociedade tinha a seu respeito.

Em relação a estas novas formas de convivência PALMA (2000:53) expõe sobre as possibilidades de compensação ao afirmar: “As dificuldades geradas pela idade podem ser compensadas através de novas possibilidades em um programa de vida social, atividades físicas, culturais e da medicina preventiva.”

A experiência francesa de Toulouse iniciou-se com a Universidade da Terceira Idade oferecendo um conjunto de atividades episódicas, que não estavam no formato de um programa, reunindo palestras, debates, cursos de idiomas e atividades físicas e artísticas, entre outras.

A Universidade de Terceira Idade de Nantèrre constava de um curso com programação anual, cujo objetivo era a inclusão dos alunos idosos, com formação apenas primária; as disciplinas eram oferecidas somente aos alunos dos cursos superiores, num contato que valorizou os idosos perante os alunos jovens.

Na segunda geração das Universidades da Terceira Idade, percebeu-se que essa experiência poderia funcionar como centros geradores de estudos sobre questões gerontológicas, passando as atividades de educação a atuar como centros de referências do desenvolvimento de estudos sobre o envelhecimento.

A partir da década de 80, com uma geração de alunos composta por aposentados mais jovens e escolarizados, que passavam a exigir cursos universitários formais, com direito a créditos e diploma, a experiência evoluiu para sua terceira geração, e os idosos passaram da condição de simples consumidores à de produtores de conhecimento.

CACHIONI (2003:49) cita como exemplo dessa terceira geração de Universidade da Terceira Idade a instituição suíça de Neuchâtel, onde foram criados três tipos diferentes de estudos com participação de idosos: pesquisas feitas para idoso, pesquisas feitas com os idosos e pesquisas feitas pelos idosos. Essa forma de atuação junto ao segmento idoso expandiu-se para vários outros países, tornando-se referência mundial.

No Brasil, o pioneirismo do trabalho educacional com idosos se deve ao Serviço Social do Comércio - SESC, o qual se iniciou, na década de 60, com os chamados *Grupos de Convivência*, experiência seguida da abertura das *Escolas Abertas para a Terceira Idade* na década de 1970.

As iniciativas do SESC geraram a criação de muitas entidades similares por todo país e a constituição de vários espaços de convivência, estimuladores de discussão e investigação sobre o fenômeno do envelhecimento e da velhice.

A partir da década de 90 multiplicaram-se os programas voltados para a Terceira idade em universidades brasileiras. Estes programas exibem denominações e currículos diversos, mas conservam propósitos comuns de promoção de auto-estima, resgate da cidadania, incentivo à autonomia,

independência, auto-expressão e a reinserção social, na busca da melhoria na qualidade de vida dos idosos.

Em geral, essas instituições possuem uma estrutura física e administrativa própria e programas curriculares e metodologias diferenciadas daquelas empregadas nos cursos de graduação, com ênfase na atualização cultural do idoso. São espaços que pretendem ser, também, locais de convivência onde o idoso não somente aprenda, como partilhe as suas experiências, que podem ser fontes de aprendizado para os demais idosos e pessoas com quem se relaciona nesse espaço.

Do mesmo modo como ocorreu na experiência francesa, as Faculdades para Terceira Idade no, Brasil, permitem a investigação sobre o processo de envelhecimento e a velhice, para profissionais de diversas áreas de estudo, em especial a gerontologia.

As características próprias dos alunos idosos e os objetivos previstos pelas Faculdades da Terceira Idade requerem um profissional que tenha conhecimento do processo de envelhecimento, afinidade e compromisso, em relação a essa realidade e também às propostas educacionais desenvolvidas nestas instituições.

Além da afinidade e compromisso, essenciais ao profissional que trabalha com idosos, é imprescindível a formação acadêmica específica para domínio do conhecimento sobre o envelhecimento e velhice, construído com bases científicas, livre de preconceitos enganosos sobre essa fase da vida. Esse profissional, assim formado, será um facilitador, para que o idoso vivencie tanto as dificuldades quanto as conquistas da velhice. Segundo LIMA (2000:53):

Olhando sob essa ótica, o papel do educador libertador é o de garantir, no processo educativo, o estudo e a reflexão das vivências do idoso, de situações conflitivas – doenças, perdas, medos, junto com esperança, alegria, sem mascarar a realidade, auxiliando-o a projetar soluções diferentes às proporcionadas pelo sistema capitalista competitivo, através da apropriação do conhecimento, como também, ajudando o idoso a colocar o conhecimento a serviço de sua construção como sujeito, com solidariedade e compaixão.

Portanto, estudar a educação e o envelhecimento é estudar a vida, e o papel do professor neste processo é importante e significativo para ele e para o educando, pois ultrapassa a transmissão de conhecimentos e estabelece entre ambos uma relação de troca de saberes.

Desta relação resulta um encontro intergeracional de dois aprendizes, em que um possui o conhecimento técnico científico e o outro a experiência de toda uma vida. Um encontro que propicia condições para a mudança de valores e crenças, influencia na auto-imagem e na auto-estima de todos os que dele participam e que abre a possibilidade de reflexão sobre as práticas profissionais, principalmente para repensar o trabalho com idosos, a criação de espaços para a participação da população idosa.

Nesse contexto de criação de espaços institucionais, inclui-se o projeto Faculdade da Terceira Idade, da Universidade do Vale do Paraíba – UNIVAP.

2.3 FACULDADE DA TERCEIRA IDADE - UNIVAP

A Universidade do Vale do Paraíba – UNIVAP é uma instituição de ensino superior que oferece cursos de graduação, pós-graduação e extensão universitária. Teve início com campus em São José dos Campos, Jacareí e Caçapava, no Vale do Paraíba e, atualmente, também em Campos do Jordão, na Serra da Mantiqueira, região localizada entre as cidades de São Paulo e Rio de Janeiro.

São José dos Campos, onde se localiza a Faculdade da Terceira Idade UNIVAP que compõe objeto deste estudo, caracteriza-se por ser uma região altamente industrializada e um pólo de alta tecnologia, com destaque para a indústria aeroespacial e automotiva.

O projeto teve início na UNIVAP, em Agosto de 1990, com a parceria do Serviço Social do Comércio – SESC e do Departamento de Serviço Social da Universidade do Vale do Paraíba, que elaborou a proposta de trabalho e decidiu sobre a instalação da Faculdade da Terceira Idade.

Até 2001, o projeto caracterizou-se como auto-sustentável passando, posteriormente, a integrar o projeto “Vale a Pena Viver”, que se compõe de várias outras iniciativas da Universidade do Vale do Paraíba no campo social e que atende à sua natureza filantrópica.

A criadora e diretora geral da Faculdade da Terceira Idade UNIVAP, Dr^a Elizabeth Moraes Liberato, antecipando o início do curso, realizou na Instituição,

em junho de 1991, o Seminário da Terceira Idade: “Educação Continuada, um direito do cidadão” e o Encontro Nacional das Universidades da Terceira Idade. O evento reuniu as sete Faculdades então existentes no Brasil e voltou-se ao debate das questões da Terceira Idade e das diretrizes dos programas institucionais.

Em agosto do mesmo ano teve início a primeira turma da Faculdade da Terceira Idade UNIVAP, contando com a matrícula de cento e quatro alunos, organizada na forma do Curso de Extensão e Atualização Cultural – CEAC . Em dezembro de 1992 formou-se essa primeira turma. Os formandos subscreveram “abaixo-assinado” solicitando a continuação do programa e foram atendidos com a elaboração de um projeto de continuidade, resultando na criação do Centro de Estudos Avançados para a Terceira Idade - CEATI, implantado em 1993.

A Faculdade da Terceira Idade UNIVAP é um projeto que atende às expectativas do processo de educação continuada. Atualmente, sua coordenação continua sendo feita pela Faculdade de Ciências Sociais Aplicadas da Universidade, mantendo-se na organização do projeto dois cursos seqüenciais: o Curso de Extensão e Atualização Cultural – CEAC, e o Centro de Estudos Avançados Para Terceira Idade – CEATI.

O CEAC é ministrado em dois níveis (Nível 1 e Nível 2), com duração de um semestre letivo cada. Nos dois níveis são oferecidas aulas teóricas sobre temáticas voltadas para necessidades específicas dos idosos (Qualidade de Vida e Gerontologia), outras relativas à cultura geral (Direito e Cidadania, Psicologia,

Português, Literatura, Filosofia e História) e à atualização sobre temas contemporâneos (Conhecimentos Gerais, Atualidades).

As aulas teóricas são complementadas com debates, palestras mensais proferidas por especialistas convidados, leituras programadas e trabalhos em grupo. Também são oferecidas atividades opcionais voltadas para o desenvolvimento da expressão sensível dos alunos, tais como dança, canto-coral, pintura em tela, teatro, modelo e manequim e educação física.

Além disso, a Faculdade da Terceira Idade UNIVAP se propõe a oferecer um espaço de eventos sócio-culturais, realizando comemorações, shows, passeios culturais e visitas a outros grupos.

Em continuidade ao CEAC, os alunos têm a opção de frequentar o Centro de Estudos Avançados para a Terceira Idade – CEATI, onde o trabalho é realizado com base em temas de interesse dos alunos e através de disciplinas teóricas. Outro diferencial entre o CEAC e o CEATI está no fato de o CEAC ter duração estabelecida de dois semestres, ao final dos quais se oferece diploma de conclusão de curso, enquanto o CEATI tem caráter permanente, com a renovação dos temas estudados.

Quanto ao regime didático, os cursos têm a carga horária mínima de 96 horas semestrais, com aulas expositivas às segundas e quintas feiras e atividades opcionais às terças e quartas feiras, sempre no horário das 14:00 às 16:30 horas.

A Faculdade da Terceira Idade UNIVAP atende pessoas acima de 45 anos, que saibam ler e escrever. A frequência mínima exigida é de sessenta por cento

de comparecimento às disciplinas e atividades. A não obtenção da frequência em cada disciplina implica em perda do semestre letivo no CEAC (Nível I e Nível II).

O corpo docente é constituído por profissionais de áreas afins às disciplinas que compõem o currículo, podendo ser vinculados aos departamentos da UNIVAP ou colaboradores externos. Exige-se capacitação ou especialização na área de ensino ligada ao processo de envelhecimento, seleção prévia, treinamento, participação em reuniões pedagógicas e realização de avaliação dos resultados dos trabalhos desenvolvidos frente aos objetivos do curso.

A Faculdade da Terceira Idade UNIVAP participa da organização, em parceria com a administração pública, empresas da área da saúde e conselhos de idosos da região de São José dos Campos, de eventos anuais voltados para o estudo e debate de questões do envelhecimento e da velhice, tais como o Fórum Regional de Debates Sobre Questões do Envelhecimento e o Encontro Intergeracional. Esses eventos reúnem profissionais ligados à Gerontologia, Geriatria e outras áreas afins e são abertos à participação de idosos e seus familiares, estudantes e profissionais.

Para promover o estudo de questões ligadas ao envelhecimento, colaborando na formação dos profissionais que atuam na Faculdade da Terceira Idade UNIVAP, foi criado o Núcleo de Estudos de Gerontologia Social, que está aberto à participação de profissionais e estudantes da região.

Um aspecto que deve ser destacado é quanto à participação dos alunos na organização dos eventos oferecidos pela Faculdade da Terceira Idade UNIVAP,

os quais também atuam avaliando, periodicamente, o projeto e formulando sugestões quanto à programação e desempenho dos profissionais.

Portanto, a Faculdade da Terceira Idade UNIVAP representa um espaço educacional e pólo de organização e apoio a eventos sobre o processo de envelhecimento e condição do idoso, além de incentivar, de modo específico, o estudo ligado ao processo de envelhecimento e da velhice, por meio do Núcleo de Estudos em Gerontologia Social.

Desse modo, a Faculdade atende aos objetivos estabelecidos para a educação continuada do segmento idoso, especialmente quanto ao exercício da liberdade, à construção da auto-estima e à realização ou formulação de projetos de vida dos alunos atendidos, temas desenvolvidos no capítulo seguinte.

Capítulo 3

**PROJETO DE VIDA DO IDOSO,
AUTO-ESTIMA E LIBERDADE**

3.1 PROJETO DE VIDA

A idéia de “projeto” freqüentemente é associada ao trabalho de profissionais como os arquitetos e engenheiros. Até mesmo porque parte do resultado do trabalho desses profissionais recebe o nome de “projeto”, sendo comum falar em “projeto arquitetônico” ou “projeto de construção civil”. Também nos trabalhos acadêmicos há uma fase que recebe esse mesmo nome, referindo-se ao planejamento da pesquisa e da intervenção a ser realizada. Mas, além desses usos específicos, a idéia de projeto está presente em diferentes contextos da vida das pessoas.

Refletindo sobre o que seria projeto de vida para uma pessoa, pode-se dizer que um projeto tem como referência básica os valores e necessidades individuais, assim como as metas e objetivos de vida, os quais têm um significado pessoal e coletivo. Ao projetar, antecipa-se o curso das ações necessárias para atingir as metas e os objetivos propostos.

Existem algumas características fundamentais que compõem a idéia de projeto e que devem ser analisadas com maior profundidade, tais como a sua referência aos valores construídos no passado por aquele que projeta, a sua referência ao futuro, a abertura para o novo e a sua indelegabilidade.

A ação de projetar se baseia nos valores do indivíduo e impõe a necessidade de eleição das metas e objetivos que se deseja atingir. O campo do vivido e da memória proporcionaram a construção dos valores que irão orientar,

consciente ou inconscientemente, a escolha do indivíduo quanto ao que ele deseja construir, reconstruir ou manter para sua vida.

Essa conexão com o passado, considerando valores e vivências, e o futuro no qual se projeta o viver é uma característica humana, como ressalta ALMEIDA (2005:106), ao dizer que: “Como seres da temporalidade, é próprio dos homens voltarem-se para o passado para articular o presente e projetar o futuro.”

O projeto de vida pode ser definido a partir de uma experiência presente, mas também pode ser elaborado a partir de vivências que são retomadas pelo indivíduo que renova sua visão das histórias do seu passado, reconstruindo-as à luz do presente. BRANDÃO (1999:46) expõe sobre os mecanismos dessa renovação: “A memória dos fatos vividos no passado chamados por um estímulo e que se mostram no presente vêm recompostos e retrabalhados por mecanismos sócio-históricos e psicológicos.”

Dessa maneira, o projeto de vida será construído fundamentado nas aspirações, desejos de realizações, sonhos e vontades possíveis, que se projetam para o futuro a partir da realidade que o sujeito vive e das relações estabelecidas na sua vida.

Projetar refere-se ao futuro pela contingência de que o passado não pode ser alterado e o presente está sendo vivido de modo imediato. A idéia de projetar, assim, não se relaciona àqueles acontecimentos que são imediatamente realizáveis pelo indivíduo, ainda que essa ação imediata não seja mecânica e requeira algum planejamento mínimo. Pode-se afirmar, então, que para haver projeto de vida é necessário haver a crença no futuro, na existência de um tempo

que virá e que será suficiente para que nele se desenvolva o planejado. Assim, afirma MACHADO (2004:6): “De modo direto, poder-se-ia afirmar: não se faz projeto se não há futuro – ou não se acredita haver [...].”

A elaboração do projeto de vida não se fundamenta na idéia de um futuro certo, determinado e imutável. É necessário que nesse futuro haja espaço para o novo, para a mudança. Conceituar projeto, portanto, não é conceituar uma idéia que esteja condicionada a um resultado, certo ou errado, mas que se encontra num universo de possibilidades de criação do resultado a ser alcançado.

Também, não se constitui projeto o simples devaneio em torno de uma meta que se sabe inatingível. Mesmo que seja da natureza do projeto a possibilidade de fracasso ou sucesso em relação às metas desejadas, estas devem ser conscientes, reais e motivadoras, não correspondendo apenas a desejos inacessíveis ou ilusões que causem a sensação de impotência ou desamparo.

O indivíduo não vive apenas de projetos, daquilo que é realizável em termos de futuro. Ao contrário, as ilusões, os sonhos e as utopias fazem parte da vontade de viver do ser humano e esses aspectos não podem ser negligenciados como fontes nas quais os projetos se nutrem.

Deve ser feita uma distinção entre projetos, ilusões e utopias. Os primeiros são feitos para orientar a ação do indivíduo e para serem realizados, já as ilusões e utopias trazem em si mesmas a noção de que não são realizáveis.

Outra característica fundamental de projeto é que deve estar a cargo do próprio indivíduo, uma vez que se incorpora na idéia de projeto uma ação a ser realizada pelo próprio indivíduo. Conforme MACHADO (2004:7): “Assim como não se pode viver pelo outro, não se pode ter projetos por ele.”

Também, não é possível para o indivíduo viver de modo pleno sem que tenha a possibilidade de fazer projetos para sua vida, já que projetar é um traço característico do ser humano, pois como diz MACHADO (2004:8): “[...] não só é próprio do ser humano não viver sem projetar, como o é fazer da própria vida um projeto.”

Desta forma, projetar para a vida, ou seja, a capacidade de se “alimentar” de sonhos e ilusões e de construir valores próprios que orientem a construção de metas a serem atingidas num futuro que se abre para o novo, é um atributo que distingue o ser humano de outras espécies.

Portanto, pensar a existência humana em seu exercício pleno requer a atenção da sociedade para a construção de espaços onde o indivíduo tenha a possibilidade de fazer e realizar seus projetos de vida. A velhice faz parte de uma vida exercida com plenitude, o que requer a inserção do idoso num contexto social em que possa fazer e realizar projetos para sua vida e para a comunidade em que vive.

A capacidade natural do ser humano de fazer projetos não é perdida com o passar dos anos, ainda que a velhice seja uma fase da vida com características próprias que influenciam nos projetos de vida dos idosos. Entretanto, essa condição

não é peculiar da velhice, pois em todas as fases da vida o indivíduo é influenciado pelas características e objetivos próprios da fase vivida.

De modo geral, o projeto de vida de cada indivíduo é determinado pelas influências internas inerentes à sua história e também pelo tratamento que lhe é dado pela sociedade na qual está inserido. Neste mesmo sentido, segundo ALMEIDA (2005:98): “Há que se considerar, desde logo, que se ‘escolher’ e definir projetos de vida são possibilidades abertas a todos os indivíduos, elas não se aplicam, do mesmo modo e com a mesma intensidade, a todos os membros da sociedade.”

Portanto, os projetos de vida dos idosos são influenciados pelo modo como o idoso vê a si mesmo, ao envelhecimento e à velhice. Mas, também o modo pelo qual a sociedade vê esse idoso, sua velhice e o tratamento correspondente que lhe é destinado exercem influência nesse idoso e nos seus projetos de vida. Referindo-se aos limites nos quais as escolhas dos indivíduos são determinadas, quanto aos seus projetos de vida, ALMEIDA (2005:98) apresenta a seguinte reflexão:

[...] há margens que demarcam, real e simbolicamente, as fronteiras das escolhas que se encontram na base dos projetos de vida. [...] dependem (as margens) igualmente, dos interesses, motivações, desejos e aspirações pessoais, dos papéis desempenhados junto aos grupos de referência (a exemplo da família), do sentimento de pertencimento, dos méritos, do reconhecimento etc.

Desse modo, partindo-se de uma visão da velhice sob a perspectiva de suas características próprias, pode-se concluir que estas características são consideradas na elaboração dos projetos de vida pelos idosos.

Quando não se tem uma visão adequada da velhice surgem dificuldades para os idosos, em razão de mitos e preconceitos que negam aos idosos a própria capacidade de elaborar novos projetos de vida, ou de retomar projetos de vida ainda não realizados, tornando-se um grave obstáculo para a manutenção e exercício da sua capacidade de projetar. Tais dificuldades são relatadas por ALMEIDA (2005:102/103):

[...] a relação positiva entre juventude e projeto de vida transforma-se em negatividade quando referida à velhice [...] projetar parece ser privilégio daqueles que, abertos à novidade, têm uma longa vida pela frente. Aos mais resistentes às mudanças, àqueles que têm a morte no horizonte, aos velhos enfim, são freqüentemente negadas – sob as mais variadas formas – as possibilidades de elaboração de projetos.

Para os idosos, a construção de novos projetos de vida ou a realização de antigos projetos se colocam como atitudes de enfrentamento dos preconceitos e mitos que cercam a velhice. Por outro lado, a qualquer momento e independentemente da idade, aqueles que acreditam na vida podem redescobrir que é possível criar novos valores e novas regras, conservando referências que a experiência demonstrou serem importantes e necessárias. Então, ao fazer projetos de vida o indivíduo desenvolve as possibilidades que cada fase da vida lhe proporciona, na busca de um viver pleno.

Assim, entende-se que os projetos de vida contribuem para a elevação da auto-estima do idoso, tema abordado a seguir.

3.2 AUTO-ESTIMA

Quando o indivíduo se conhece e se sente satisfeito com seu tipo de vida, reconhecendo-se merecedor das coisas boas do mundo, considera-se feliz consigo, respeita-se e gosta de si, devido ao sentimento de auto-valorização.

Esse sentimento interior de valorização pessoal funciona como referência para o conceito de auto-estima, na medida em que representa o grau de satisfação que o indivíduo tem em relação a si próprio. Neste sentido, BRIGGS (2002:5) define auto-estima como: “[...] a maneira pela qual uma pessoa se sente em relação a si mesma. É o juízo geral que faz de si mesma – quanto gosta de sua própria pessoa.”

Portanto, a auto-estima está intimamente ligada à imagem que o sujeito faz de si mesmo, sendo esta a medida da satisfação em relação à sua própria pessoa. Assim, é preciso que o indivíduo veja-se de modo verdadeiro, para que sua auto-estima tenha bases reais. Essas atitudes são construídas a partir do conceito que o indivíduo tem de si, mas também de acordo com o tratamento que recebe das pessoas que estão à sua volta.

O idoso, muitas vezes, tem uma visão equivocada de si mesmo, na maioria delas negativa, porque esta se encontra presa simplesmente aos aspectos de decadência que ocorrem no processo de desenvolvimento do ser humano. O equívoco é reforçado pelo tratamento recebido do meio social, amparado em preconceitos e mitos negativos sobre a velhice. Esse fenômeno é referido por

OLIVEIRA (1999:113) quando constata que: “Nessa fase da vida, as pessoas tendem a modificar sua auto-imagem, tornando-a cada vez menos positiva.”

Assim, para que o idoso possa ver-se de modo positivo a si mesmo é preciso que volte seu olhar para a velhice como um tempo de possibilidades, no qual continuará a exercer seus potenciais humanos e descobrir novas fontes de interesses.

É possível ver a velhice como uma fase na qual os projetos de vida podem ser reformulados ou retomados objetivos que foram abandonados por razões que existiram na juventude, mas que deixaram de existir ou de ser importantes para o idoso. Segundo PALMA (2000:15):

A idéia de que a velhice é uma fase de perdas tem sido substituída pela consideração de que os estágios mais avançados da vida são momentos propícios a novas conquistas, orientadas pela busca do prazer, de realização de projetos adiados e de satisfação pessoal.

Como o tratamento que o idoso recebe da sociedade influencia a imagem que constrói de si mesmo, o auto-conceito adequado de velhice requer, além da postura individual, a conscientização da própria sociedade em que o idoso está inserido.

Se a sociedade não reconhece o valor que o idoso possui, seu potencial de contribuir com a sociedade, pode ocorrer do idoso também introjetar esse desvalor, afetando negativamente a imagem que possui de si mesmo. É nesta direção que LIMA (2000:144) afirma que: “Torna-se mais difícil e penosa a

aceitação de si mesmo, quando o social reage negativamente frente à sua ação.

[...] As pessoas são tentadas a se ver como são julgadas.”

A construção da auto-estima do idoso, portanto, requer a valorização do seu saber, do oferecimento de oportunidades para que ele descubra e exerça seus potenciais e capacidades de participação nas decisões na família e na sociedade, fazendo-se ouvir.

A rejeição da condição de isolamento e discriminação é um fator relevante para a elevação da auto-estima do idoso. A auto-estima elevada, conseqüentemente, reforça o sentimento de liberdade que o processo de envelhecimento pode proporcionar. Conceito este a ser tratado no tópico seguinte deste capítulo.

3.3 LIBERDADE

A importância da liberdade para o desenvolvimento de uma sociedade é destacada por SEN (2000:18) sob dois aspectos que podem igualmente ser transpostos para a condição individual do ser humano. O primeiro aspecto é o da avaliação, pelo qual se afirma que o desenvolvimento de uma sociedade está diretamente ligado ao aumento das liberdades das pessoas. Assim, a evolução tecnológica ou até mesmo a melhoria de um indicador econômico somente serão avaliados como fatores de desenvolvimento social se forem capazes de gerar aumento da liberdade individual.

Uma comparação entre a situação social e a individual é possível, pois o desenvolvimento pessoal também implica em obter condições melhores para exercer com liberdade os potenciais individuais presentes em cada ser humano. Alcançar a liberdade em cada fase da vida é, deste modo, um parâmetro para se dizer o quanto a pessoa se desenvolveu enquanto indivíduo.

O segundo aspecto, chamado por SEN (2000:18) de “razão da eficácia”, refere-se à liberdade enquanto um fator que propicia a construção do desenvolvimento social. Segundo o autor: “[...] a realização do desenvolvimento depende inteiramente da livre condição de agente das pessoas.”

No aspecto individual, a liberdade é um valor essencial e um objetivo a ser alcançado, mas também será um instrumento para a realização de outros valores.

Além disso, somente tendo liberdade é possível o indivíduo usufruir plenamente dos valores já alcançados.

Uma importante consideração sobre a relação que existe entre a liberdade individual e a realização do desenvolvimento social e desenvolvimento individual é feita por SEN (2000:19):

O que as pessoas conseguem positivamente realizar é influenciado por oportunidades econômicas, liberdades políticas, poderes sociais e por condições habilitadoras como boa saúde, educação básica e incentivo e aperfeiçoamento de iniciativas. As disposições institucionais que proporcionam essas oportunidades são ainda influenciadas pelo exercício das liberdades das pessoas, mediante a liberdade para participar da escolha social e da tomada de decisões públicas que impelem o progresso dessas oportunidades.

Portanto, a liberdade que o indivíduo tem para produzir positivamente no espaço social é influenciada pelas oportunidades que lhe são oferecidas por esse mesmo espaço social. Quando o espaço social oferece condições ao indivíduo, tais como educação, saúde, segurança, trabalho e lazer, aumenta a sua condição de liberdade para participar ativamente da construção desse espaço social. Do mesmo modo, o exercício da liberdade individual, permitindo ao indivíduo a participação nas decisões sociais, proporciona condições melhores para a continuidade do exercício da liberdade.

Essas considerações embasam um olhar sobre a condição de liberdade do idoso na sociedade atual para fins do seu desenvolvimento, porque a velhice é uma das fases que compõem o processo de envelhecimento, com peculiaridades, como todas as demais fases, mas que não traz em si mesma nenhum obstáculo

para que o indivíduo continue se desenvolvendo. O desenvolvimento, como visto, pressupõe a liberdade.

Para esse olhar, pode-se ter em mente que o envelhecimento, enquanto processo de desenvolvimento do ser humano, permite que o indivíduo conheça melhor a si mesmo e às suas necessidades, e que as experiências vividas fornecem à pessoa mais referenciais para distinguir o que é melhor ou pior para sua vida e para a sociedade.

Assim, é certo afirmar que o envelhecimento permite que as pessoas se tornem mais sábias. Sabedoria, aqui, no sentido de utilização da formação e da informação recebidas para modificar positivamente a própria vida e a vida da sociedade em que o idoso se insere. Sabedoria, também, no sentido de vivenciar da melhor maneira as mudanças inerentes ao processo de envelhecimento.

Referindo-se a essas condições da velhice PRÉTAT (1997:30) afirma:

Apesar dos inconvenientes do envelhecimento o período limiar-tardio pode introduzir uma nova sensação de liberdade e individualidade. [...] As pessoas mais velhas podem improvisar mais, pois já não sentem a necessidade de venerar padrões familiares antigos e freqüentemente disfuncionais. Por não serem ameaçadas de incompetência ou ineficiência, elas podem abandonar grande parte da sua antiga necessidade de perfeição. Elas podem se tornam mais corajosas e afirmar sua diversidade, sentir-se mais fiéis ao seu verdadeiro ser e preocupar-se menos em agradar aos outros.

Ainda que seja uma fase da vida especialmente propícia para se ter e exercer a liberdade, o idoso também enfrenta vários fatores sociais que se tornam

obstáculos para o seu desenvolvimento com liberdade, tais como a marginalização em razão dos preconceitos negativos contra o seu potencial de viver plenamente seu espaço individual e social. As dificuldades decorrem , também, da falta de adequação dos espaços públicos e privados para com as características da fase da velhice. Segundo VARELLA (2003:31):

Viver num mundo de grandes privações, destituições e opressões também não é fácil, pois o ser humano, independentemente de sua fase de vida, deve desenvolver-se sem as principais fontes de privação de liberdade: entre muitos fatores, estão a pobreza e a negligência dos serviços públicos.

Tais considerações colocam a necessidade de reflexão sobre como superar a contradição entre a velhice, enquanto fase da vida que propícia o exercício da liberdade, e as dificuldades que decorrem para esse exercício em razão da discriminação social aos idosos.

Um caminho que se apresenta é o da educação continuada, enquanto espaço social no qual o idoso é incentivado a reconhecer seu potencial de crescimento e a buscar meios de exercê-lo com a formulação de projetos de vida.

No capítulo seguinte foram incluídos os resultados da análise dos dados coletados através de entrevistas com o objetivo de analisar a relação entre educação continuada e projetos de vida de pessoas idosas.

Capítulo 4:

RESULTADOS DA PESQUISA

4.1 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

O objetivo geral deste estudo é investigar a relação entre educação continuada e projeto de vida de pessoas idosas na Faculdade da Terceira Idade UNIVAP – São José dos Campos/SP.

Acredita-se que os resultados da pesquisa contribuirão para reformulações possíveis de programas educacionais para idosos, atendendo às necessidades de profissionais integrados em ações sócio-educativas que requeiram conhecimentos para conduzir seu trabalho de maneira competente.

Quanto aos objetivos específicos, tendo em vista o objetivo geral, direcionou-se a investigação para identificar o motivo pelo qual o idoso procurou a Faculdade da Terceira Idade UNIVAP. Foram reconhecidos quais os projetos de vida dos idosos antes do ingresso na Faculdade da Terceira Idade UNIVAP e identificados quais projetos surgiram ou foram retomados após os idosos se inserirem na Faculdade da Terceira Idade UNIVAP.

Para atingir os objetivos do trabalho, e tendo em conta o universo de investigação, desenvolveu-se uma pesquisa qualitativa, considerado procedimento indicado e propiciador do conhecimento das trajetórias de vida e experiências sociais dos idosos, sujeitos da pesquisa, numa abordagem não meramente descritiva. Para CHIZZOTTI (2003:79):

A abordagem qualitativa parte do fundamento de que há uma relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito, uma

interdependência viva entre o sujeito e o objeto, um vínculo indissociável entre o mundo objetivo e a subjetividade do sujeito.

Para conhecer as situações vividas pelos idosos e apreender os significados que estes lhes atribuem, também pelo fato da pesquisadora estar inserida como profissional no universo estudado, utilizou-se a técnica da observação participante, que permite ao pesquisador aprofundar-se no universo dos sujeitos pesquisados e avaliar seus comportamentos e os processos sociais nos quais estão inseridos.

MOREIRA (2002:51) aponta as contribuições dessa forma de coleta ao colocar: “As pessoas precisam ser estudadas em seus próprios termos, devendo o pesquisador tentar apreender os sentidos simbólicos que as pessoas definem como importantes e reais.”

Complementando os requisitos que definem as diferentes técnicas utilizadas na realização da pesquisa, explicita MOREIRA (2002:52):

A observação participante pode ser conceituada como uma estratégia de campo que combina, ao mesmo tempo, a participação ativa com os sujeitos, a observação intensiva em ambientes naturais, entrevistas abertas informais e análise documental.

Considerou-se importante o levantamento de dados que permitiram o conhecimento do perfil sócio-econômico dos alunos da Faculdade da Terceira Idade UNIVAP, de São José dos Campos (anexo 01).

Para a coleta de dados nos três níveis em que se organiza a Faculdade da Terceira Idade UNIVAP (Nível 1, Nível 2 e CEATI – Centro de Estudos Avançados

da Terceira Idade) foram escolhidos como sujeitos, três idosos, com sessenta anos ou mais, cada um cursando um desses três níveis. Utilizou-se as letras de A à C, como forma de apresentação desses sujeitos evitando a identificação dos mesmos. O sujeito A, é aluno do nível 1, tem 75 anos, é do sexo masculino, casado e possui ensino fundamental completo; o sujeito B é aluno do nível 2, tem 67 anos, é do sexo feminino, casado e com ensino médio completo; o sujeito C é aluno do Ceati, com 86 anos, do sexo feminino, viúvo e possui ensino fundamental incompleto. Ampliou-se o universo da pesquisa, ainda, com a participação de um quarto idoso, na condição de ex-aluno, que é o sujeito D, como 74 anos, do sexo feminino, casado, com escolaridade de nível superior completo.

A escolha dos sujeitos baseou-se também na experiência profissional da pesquisadora, na Faculdade da Terceira Idade UNIVAP. Esse processo de escolha se justifica em razão do objetivo da pesquisa, que não se destinou a obter dados estatísticos, mas interpretar significados e vivências dos sujeitos investigados. Desta forma, como referido por MARTINELLI (1999:24), não se trata de um trabalho de pesquisa pautado em amostras obtidas de modo aleatório e, sim, de trabalho no qual “[...] temos a possibilidade de compor intencionalmente o grupo de sujeitos com os quais vamos realizar nossa pesquisa.”

A coleta de dados foi realizada através de entrevistas semi-estruturadas, na qual o pesquisador se utiliza de teorias e hipóteses que interessam à pesquisa para sustentar os questionamentos básicos que serão o ponto de partida das entrevistas. À medida que as respostas são obtidas, surgem novas hipóteses que ampliam o campo das interrogativas. Esta técnica oferece, assim, de maneira

enriquecedora, as várias perspectivas possíveis do objeto estudado, com liberdade e espontaneidade, como colocado por TRIVIÑOS (1990:146):

Desta maneira, o informante, seguindo espontaneamente a linha de seu pensamento e de suas experiências dentro do foco principal colocado pelo investigador, começa a participar na elaboração do conteúdo da pesquisa.

A entrevista semi-estruturada, precedida da aplicação dos termos de consentimento e autorização (anexos 2a e 2b), foi elaborada com utilização de um roteiro (anexo 3) centrado nos objetivos da pesquisa, a partir de estudos teóricos prévios e das observações que foram feitas sobre o fenômeno pesquisado.

As entrevistas foram realizadas em duas etapas, para se dispor de um momento de aproximação com o sujeito mais descontraído e possibilitador de relatos mais ricos em conteúdos e significados. Nas duas etapas, os sujeitos entrevistados foram surpreendentes, em razão das peculiaridades dos seus depoimentos, e consolidaram os dados obtidos pelas observações realizadas anteriormente.

A escolha das categorias de análise utilizadas neste trabalho, “projeto de vida” e “educação continuada”, decorreram do objetivo geral da pesquisa que propõe a investigação da relação entre essas duas categorias, relacionadas ao segmento idoso.

A necessidade de trabalhar com outras duas categorias de análise surgiu da observação feita no dia-a-dia, uma vez que a auto-estima e liberdade dos

idosos apareciam de maneira expressiva através dos contatos desenvolvidos na Faculdade da Terceira Idade UNIVAP.

O processo de análise baseou-se no agrupamento dos dados coletados em categorias significativas frente aos objetivos, justificativa e referenciais teóricos, elementos direcionadores da realização da pesquisa.

As categorias de análise: auto-estima, liberdade, projeto de vida e educação continuada, permitiram interpretar a realidade e os significados do objeto de estudo, com o propósito de chegar à compreensão do fenômeno estudado.

4.2 RESULTADOS DA ANÁLISE DOS DADOS

A análise dos dados processou-se em vários momentos, sucessivos, iniciando-se, informalmente, quando estavam sendo feitas as entrevistas e obtidas as respostas. Já naquele momento, surgiram hipóteses inesperadas. Concluídas todas as entrevistas, os depoimentos foram transcritos e analisados.

O processo de análise dos dados revelou, também, que as respostas de alguns dos entrevistados decorriam de interpretações subjetivas das perguntas, gerando dados que eram, ricos em significados, embora não relacionados diretamente às perguntas feitas. Essa situação exigiu cuidados especiais para identificar objetivamente o discurso do sujeito.

Para tornar mais visíveis os dados coletados e facilitar a análise do conjunto das informações, foram reunidas as respostas dos quatro sujeitos sobre cada categoria. As perguntas formuladas aos sujeitos durante a pesquisa foram reproduzidas, facilitando a organização das informações analisadas.

Considerando os objetivos deste trabalho, no processo de análise das respostas oferecidas para cada pergunta, procurou-se destacar a existência da relação entre projeto de vida e educação continuada e quais as características que essa relação oferecia para cada um dos entrevistados.

A análise das respostas dos entrevistados teve como base de apoio os referenciais teóricos estudados, e os conceitos abordados, apresentados nos capítulos iniciais desta dissertação.

4.2.1: LIBERDADE

A verificação sobre o significado atribuído pelos sujeitos à liberdade, questão 1.1 do roteiro em anexo: “*O que é liberdade para o(a) senhor(a)?*”, é importante em si mesmo e na relação com as demais categorias estudadas. Permite identificar as características da liberdade para os idosos, ou seja, o que consideraram como necessário para o indivíduo sentir-se livre.

O depoimento do sujeito A, aponta vários aspectos da liberdade. Num primeiro momento o entrevistado refere-se à liberdade como uma situação na qual são oferecidas opções concretas para gozar a vida. Segundo o sujeito A: “*É ter para onde ir e não apenas a possibilidade de sair, a Deus dará*”.

O conceito de liberdade desse sujeito, revela a presença da sabedoria e da experiência adquirida, que orientam as decisões que são tomadas na vida. Inclui, também, o sentido de responsabilidade e consciência, quando o sujeito inclui no seu relato, admitir a existência de limites, conforme relato a seguir:

Liberdade é aquele momento que você tem sempre para onde sair, porque às vezes a gente pensa que ter esta liberdade é sair ao “Deus dará” (...) liberdade é a gente saber aproveitar o momento em que a gente tem para decidir. Um conceito da vida é uma liberdade limitada, a gente tem a liberdade de ir e vir, mas tem os limites também. (A)

Para o sujeito B, a liberdade gravita em torno da sua autonomia, que é exemplificada na referência feita a poder sair e vivenciar as situações desejadas. Nesse sentido, segundo NÉRI (2001:10): “O cerne do conceito de autonomia é a

noção e o exercício do autogoverno. O conceito inclui também os seguintes elementos: liberdade individual, privacidade, livre escolha [...]”

Outro aspecto que merece atenção nesse depoimento é a referência feita pelo idoso às tarefas domésticas, que podem se tornar obstáculo ao exercício da sua liberdade. A existência de obstáculos ao usufruto pleno da liberdade, aliás, é detectada, pelos os estudos sobre a velhice, como significativo não somente para os idosos, mas também, para profissionais de áreas afins e para a família. Essa realidade inclui fatos como o de não usufruir plenamente da fase de aposentadoria devido à necessidade de continuar inserido no mercado de trabalho para prover o seu sustento ou mesmo, o de sua família.

Cabe aqui ressaltar que esta última situação se diferencia daquela na qual o idoso continua inserido no mercado de trabalho por opção pessoal, quer seja pelo prazer do trabalho que realiza, quer seja pela falta de opção que o satisfaça, em termos dessa realização, fora do mercado de trabalho.

Verificou-se, deste modo, que a existência de obstáculos, dos quais são exemplos significativos os compromissos e afazeres domésticos, surge como fator influenciador da liberdade na vida dos idosos.

A referência aos limites da liberdade também surge neste depoimento, mas de modo diferente de como foi tratado pelo sujeito A, pois, enquanto para o entrevistado anterior a liberdade tem limites dentro dos quais se move o seu fazer, para o segundo sujeito é o seu fazer é que determina os limites da sua liberdade, e para ele, a sua liberdade mesmo com limites lhe possibilita poder fazer tudo o que quiser.

Eu considero liberdade você poder sair, fazer as suas compras, visitar seus amigos, os parentes e fazer viagens. Não ficar tolhida porque tem serviço dentro de casa pra fazer. Então é uma liberdade dentro dos limites do que eu posso fazer, e eu posso fazer o que eu quiser. (B)

Para o sujeito C, a autonomia também foi colocada em destaque, sendo associada à independência e à capacidade de fazer sozinho aquilo que se deseja. Nota-se que autonomia é um fator que contribui para a felicidade do idoso, quando ele expressa que é “*a melhor coisa que tem*”.

Eu acho que liberdade é a gente fazer aquilo que tem vontade. Por exemplo, eu agora posso sair, apesar de que às vezes alguns dos filhos ficam contra, mais eu posso sair. Eu posso cuidar das minhas coisas sozinha, sem depender, e eu acho que a independência da pessoa é a melhor coisa que tem. (C)

O mesmo sentido de autonomia se coloca, de modo destacado, como sinônimo de liberdade no depoimento do sujeito D.

Liberdade eu acho que é você ter autonomia, você poder se expressar livremente, sem estar coagida com nada, eu acho que no geral é autonomia. (D)

Os depoimentos apresentados permitem verificar que os sujeitos que participaram da pesquisa possuem autonomia e independência, num grau que lhes permitem exercer sua liberdade e demonstram valorizar essas condições de vida.

Das diversas respostas apresentadas sobre a liberdade, os significados atribuídos pelos idosos a essa categoria remetem a duas situações: a existência de lugares para exercer suas opções pessoais de lazer ou simples afazeres, e a necessidade de independência e autonomia para usufruir esse momento da vida fazendo o que realmente se gosta.

Essas duas situações expressam a existência de uma relação entre a liberdade e educação continuada, na qual a autonomia e independência, que compõem a liberdade, aparecem como pressupostos para que o idoso frequente o espaço escolar. Ao mesmo tempo, o espaço escolar torna-se aquele local mencionado pelos idosos, em razão do qual eles exercem sua liberdade.

Através da questão 1.2 do roteiro: “*O envelhecimento proporciona liberdade?*”, procurou-se identificar qual a relação feita pelos idosos entre envelhecimento e liberdade, uma vez que os estudos dos referenciais teóricos apontavam a fase da velhice como propiciadora de liberdade de modo geral e, no contato direto com os alunos da Faculdade da Terceira Idade UNIVAP, um sentimento, que se entendia ser de liberdade, era constatado como presente. Houve, portanto, uma busca de confirmação das hipóteses sustentadas pela base teórica e dados de observação.

Optou-se pelo questionamento sobre a relação entre envelhecimento e liberdade, como forma de desvendar possíveis afinidades com as categorias básicas deste estudo: projeto de vida e educação continuada.

A análise desses depoimentos, revela a discriminação do idoso como uma forma de limitação da liberdade, o que ficou explícito na fala do sujeito A, que

manifestou, nesse sentido, seu sentimento de angústia: *“e isto judia e deixa a gente meio aborrecido.”*(A)

A discriminação sofrida pelos idosos é continuamente relatada pelos estudos acerca do envelhecimento e da velhice. Por isso, uma das hipóteses precedentes à entrevista foi o surgimento do preconceito em relação ao idoso, sendo significativa a referência à discriminação enquanto fator de limitação da liberdade do idoso.

Neste sentido, manifesta-se SCHARFSTEIN (2004:323) destacando que no contexto sócio-histórico dos dois últimos séculos passou-se a uma valorização extremada da juventude, dado seu potencial reprodutivo e produtivo, relegando-se a velhice a um estado marginalizado, numa visão negativa dessa fase da vida, entendendo-se que: “Velhos são aqueles que já realizaram seu processo de vida e para os quais a morte se apresenta como o único destino possível.”

Os mesmos referenciais teóricos estudados revelaram a influência exercida pelo comportamento da sociedade em relação à imagem que o próprio idoso faz da velhice enquanto fase da vida.

Essa situação abre a possibilidade de o idoso apontar a velhice como a causa desse tratamento negativo, não percebendo que a verdadeira causa é o preconceito social. Ainda que, neste caso, o próprio idoso aponte que não seja a velhice a causa desse sofrimento, ao dizer que não haveria a necessidade da discriminação.

Em alguns fatores não, porque, por exemplo, se a gente depois de uma certa idade... Ainda que não teria a necessidade da

discriminação, a gente sofre a discriminação por ter envelhecido.

(A)

O sujeito B associou a velhice à libertação do indivíduo de tarefas que o impedem de se dedicar às atividades que mais lhe interessam, gerando uma sensação de liberdade descrita como “mais gostosa”.

Para o idoso B, não se trata de abandonar tarefas, mas do fato de que essas tarefas, a criação dos filhos, por exemplo, já foram cumpridas até uma fase na qual sua participação já não é solicitada de forma tão intensa.

A velhice é vista pelos idosos como um momento no qual existe liberdade para se dedicar aos afazeres de modo que atendam, também, os seus desejos individuais. Essa tendência dos idosos em buscar situações que atendam aos seus interesses pessoais é relatada por CAPITANINI (2000:77/78):

Em geral, os idosos estão satisfeitos com suas vidas e sua tendência é procurar desenvolver novos papéis sociais e selecionar metas e relacionamentos de acordo com princípios pessoais acerca do que lhes é mais significativo ou enriquecedor. Apesar de a família representar uma fonte de relacionamento seguro, as pessoas mais velhas preferem contatos sociais com amigos da mesma idade. Talvez uma razão para isso resida no fato de as relações de amizade serem voluntárias e escolhidas pela própria pessoa, ao passo que as relações familiares podem ser percebidas como uma obrigação.

Essa mesma sensação de ter realizado as tarefas que foram propostas ao longo da vida, permitindo entrar em uma fase de menor grau de compromisso, é citada pelos sujeitos B e C.

É, eu acredito que sim, porque no começo você fica apegada a muitas coisas, com filho, casa e tudo [...] nessa idade nós podemos ter mais liberdade, fazer mais coisas, sair, fazer mais cursos e coisas assim. Então, essa liberdade fica mais gostosa. Depois de uma certa idade, fica mais gostoso [...] (B)

[...] eu acho que o envelhecimento, com a idade, assim, a gente não tem muito compromisso [...] os filhos já casaram [...] então aí você já tem aquela liberdade de sair, fazer suas coisas [...] (C)

A liberdade é entendida pelos sujeitos também como possibilidade de poder se expressar livremente e colocar suas opiniões, sendo que o sujeito D, enxerga o envelhecimento como forma de o indivíduo amadurecer e desenvolver um modo de encarar as situações que lhe permite exercer a liberdade.

Verificou-se, nos relatos feitos, um sentido diferente de liberdade, em comparação com a liberdade vivida em outras fases da vida; uma liberdade com atributos relacionados às características próprias do envelhecimento. Esse sentido se refere à sensação de se colocar como alguém que cumpriu com tarefas que lhe foram propostas durante a vida.

É, portanto, um sentimento que provém da maneira como o idoso toma consciência e se apropria da liberdade conquistada com uma postura responsável diante da vida, como resultado do seu amadurecimento pessoal, que se traduz num modo peculiar de sentir e olhar o mundo que está à sua volta.

Eu acho que com o amadurecimento da pessoa, a pessoa também já vê as coisas de um jeito diferente e com isso esta mudança de visão da vida, ela começa sentir e ver que tem que mudar. (D)

Ao serem questionados sobre, “*Como o envelhecimento pode proporcionar mais liberdade?*” (questão 1.3 do roteiro), os sujeitos entrevistados apontaram suas expectativas de mudanças.

Nesse sentido, o idoso A manifesta-se sobre a necessidade de mudança da visão das pessoas em relação aos idosos. Esse sujeito, que já havia se referido à discriminação, reivindica que as pessoas que estão à volta dos idosos olhem a vida do idoso como um todo, valorizando as experiências que este traz consigo.

Trata-se da reivindicação de um olhar que se amplia para além das limitações da velhice e que se amplia valorizando os aspectos positivos dessa fase da vida, conforme podemos constatar no depoimento a seguir:

Seria realmente a mudança das pessoas que estão em volta, ver melhor a vida, mas nem sempre isto acontece, eles olham aquilo que pensam e deixam de avaliar a vida toda [...] aí que entra o velho problema de deixar o idoso sempre discriminado.
(A)

Na resposta do sujeito B, encontra-se a afirmação de que a liberdade é limitada pelo apego excessivo às regras e disciplinas estabelecidas na infância e que a forma como o envelhecimento proporciona maior liberdade é tornando o indivíduo mais consciente de si mesmo, “com o pé no chão”. É esta consciência que torna o idoso mais seguro e lhe permite ser uma pessoa mais livre.

Essa condição é constatada por SALGADO (1982:101) ao referir-se à velhice como: “[...] um tempo de maturidade maior, com a conquista do mais

precioso dos bens – a liberdade, significativa sobretudo da consciência maior de si próprio”, e se inclui no relato de B.

Não seria só no envelhecimento, é que nós somos muito apegadas às regras que vieram de nossos pais, àquela disciplina. Então, não que vai proporcionar mais liberdade [...] mas, você fica assim com o pé no chão [...] fica mais segura pra exercer essa liberdade que antes você não tinha [...] então ela fica mais solta.
(B)

O sujeito C, ao responder a essa questão, afirmou que o indivíduo, na sua velhice, não deve comprometer-se com o que ele não deseje, evitando aqueles compromissos que lhes são impostos.

Na fala do idoso C, pode-se verificar que há compromisso do idoso consigo mesmo, exercitando a liberdade para se dedicar “às suas coisas” e não àquilo que ele considera interesse apenas dos outros.

[...] não tendo muito compromisso, então você já tem aquela liberdade de sair e fazer suas coisas. Por exemplo, igual eu, vim para faculdade, né, e aqui já tá bom. Foi um espaço que eu consegui e que já mudou completamente a minha vida [...]
(C)

Com o envelhecimento pode-se alcançar maior liberdade quando o indivíduo utiliza-se das experiências vividas transformando-as em aprendizado para vivenciar as possibilidades oferecidas nesta fase da vida. É isso que se interpreta da resposta do sujeito D.

Para o sujeito essa situação pode se apresentar como um desafio, quando sobre ele é exercida uma ação de dominação que impeça o exercício de sua

autonomia. Muitas vezes, essa situação é assimilada pelo próprio idoso o que faz com que ele permaneça acuado, por temer agir de modo autônomo.

Então, acho que tudo depende da transformação que a pessoa está aberta a fazer, se ela quiser, ela consegue muitas coisas. É um desafio também. Porque, muitas vezes elas são subjugadas e de repente têm medo de adquirir autonomia. (D)

Assim, para os sujeitos desta pesquisa, a liberdade funciona como base da expansão dos seus potenciais para aproveitar mais e melhor a vida. Mas esse caminho para liberdade requer responsabilidade individual e autoconhecimento, pois, para eles, liberdade também representa um desafio e saber aproveitar o momento dentro dos limites.

4.2.2: AUTO-ESTIMA

Em relação à questão “O que é *auto-estima*?” (2.1 no roteiro), procurou-se apurar qual o seu significado para os sujeitos e, com isso, iniciar o diálogo, sempre objetivando a verificação da relação entre as categorias estudadas. Também, entendia-se necessário reconhecer se os sujeitos identificavam nessa categoria os mesmos elementos verificados nos referenciais teóricos.

Ao analisar a resposta dada pelo sujeito A, sobre seu conceito de auto-estima, verificou-se a referência a um estado interior do indivíduo que surge a partir da sensação de proteção da pessoa contra acontecimentos desagradáveis. Essa mesma sensação move o sujeito na direção de objetivos ainda não alcançados.

O idoso também se manifesta no sentido de que, para manter essa condição de auto-estima elevada, o sujeito deve se esforçar na busca dos objetivos colocados. Desse modo, o conceito de auto-estima traz consigo a necessidade de participação do próprio indivíduo, cuidando para manter a sua auto-estima elevada.

Auto-estima pra mim é quando a pessoa está naquele momento que não se preocupa com novidade nem doença, mas está sempre otimista, sempre caminhando em uma direção para alcançar alguma coisa que talvez não tenha tido oportunidade, mas auto-estima nos leva a esforçar um pouco mais para alcançar talvez aquele objetivo, então isto para mim é auto-estima. (A)

O sujeito B referiu-se à auto-estima enquanto condição de autovalorização. Trata-se de uma situação vulnerável, já que, segundo o sujeito, acontecimentos externos podem abalar a auto-estima.

Nesse depoimento, do mesmo modo que no depoimento do sujeito anterior, encontrou-se referência à auto-estima dependendo da participação da própria pessoa nos acontecimentos da sua vida, que poderá atuar para recuperá-la ou mantê-la elevada.

A confirmação dessa possibilidade de ação do indivíduo em favor da elevação da sua auto-estima é encontrada em Erbolato (2000:43)

Como vimos, há necessidade de mudanças para cada objetivo proposto; uma vez atingindo um deles, estabelecem-se novos objetivos, que requerem mais mudanças. E mudamos sem deixar de sermos nós mesmos. É possível dizer que a satisfação que acompanha o final de uma meta aumente e reforce o autoconceito

e a auto-estima. Essa satisfação pode existir durante toda a vida, mesmo em pessoas muito idosas.

A auto-estima é também referida como uma condição interior que se reflete na aparência do sujeito, que também deve ser cuidada como forma de elevar o amor próprio. O sujeito B reforça esse posicionamento ao expor seu entendimento

Auto-estima é você se valorizar, às vezes você está com sua auto-estima lá em baixo, porque aconteceu alguma coisa que você não queria, algumas palavras pesadas. Então sua auto-estima vai lá em baixo. Mas depois você retoma sua vida, respira fundo [...] se valorizar, não é necessariamente se arrumar, se enfeitar [...] aparência faz bem, é parte, mas não é tudo. É você se sentir valorizada, é você se olhar no espelho e falar, hoje eu estou bonita. (B)

A auto valorização e a necessidade de cuidados para se manter elevada a auto-estima também são referidas pelo sujeito C e pelo sujeito D. Para eles não se trata de elogios alheios, mas, sim, de uma condição pessoal que pode ou não ser reconhecida pelos outros.

Eu acho que é você mesmo valorizar a sua pessoa, porque se você não valorizar você mesmo, se você não cuidar de você, esperar pelos outros é mais difícil. (C)

Eu acho assim, que é você se valorizar e procurar fazer as coisas, mas não querendo, lógico, que alguém fique te elogiando, mas se você ouve algum elogio, melhora a auto-estima. (D)

Pode-se afirmar que os idosos entrevistados apresentam conceitos de auto-estima nos quais estão presentes os elementos que compõem essa categoria, tais como, a visão atribuída pelo outro e a autovalorização,

independente da opinião das outras pessoas. Nesse sentido, tomando a indicação de ERBOLATO (2000:33/34) sobre o conceito de auto-estima, tem-se que:

De forma bastante simplificada, auto-estima significa gostar de nós mesmos, nos apreciarmos de modo genuíno e realista. Não se trata, portanto, de um excesso de valorização de nossa própria pessoa, de arrogância ou egocentrismo. Gostamos daquilo que realmente somos, aceitando nossas habilidades e também nossas limitações.

Dando seqüência, buscou-se ampliar essas idéias com a questão: “*Como está a sua auto-estima?*” (questão 2.2 do roteiro). A intenção era compreender qual a imagem que os entrevistados possuem de si mesmos quanto à auto-estima. É uma pergunta, também, de manutenção do diálogo dentro do tema abordado, com o foco sempre voltado para captar a presença ou ausência de elementos que se refiram às relações entre as categorias estudadas.

O aluno do Nível 1 tem uma visão positiva da sua auto-estima. Encontra-se na sua fala o prevailecimento do otimismo, quando ele se manifesta sobre vários aspectos da sua vida.

É muito bom, eu sou uma pessoa alegre, dificilmente ouço problemas [...] eu deito e não penso no que vai acontecer amanhã [...] estamos com 59 anos de casados vivendo muito bem, parece que não tem velhice, e tudo que a gente deve realizar a gente tá sempre de acordo. (A)

Quanto ao sujeito B, esta reconhece que sua auto-estima não está sempre elevada, porém quando está baixa ele reage fazendo as coisas que gosta, da melhor maneira.

Pelo depoimento a seguir, pode-se ver que se trata de idoso que está atento ao estado da sua auto-estima e, por isso, consegue reagir diante de mudanças negativas.

De vez em quando ela está meio baixa, mas eu acho que na maioria das vezes eu estou bem com a minha auto-estima, eu não fico falando que eu não sei fazer, não. Eu sei fazer e a comida que eu faço é gostosa [...] procuro fazer mesmo as coisas gostosas [...] gosto de mim, me arrumo, eu não sou de estar toda na moda, mas eu gosto de estar, dentro do que visto, confortável [...] não é de luxo, mas é seu, você se sentiu bem, então nessa parte eu considero. (B)

No depoimento do idoso encontrou-se uma avaliação positiva referente à sua auto-estima, que este associa com o fato de estar realizando várias atividades na Faculdade da Terceira Idade UNIVAP.

É boa, é elevada. Eu acho que sim, porque você já pensou, eu com a idade que estou, fazendo as coisas que eu faço hoje? Só de uma apresentação no teatro, né? E fazer aula, fazer aula de pintura, que eu faço pintura, né? Então, eu acho que isso faz parte da auto – estima. (C)

O sujeito D fala de sua auto-estima elevada porque consegue ultrapassar os desafios que se apresentam mesmo que, eventualmente, não receba elogios.

Eu acho assim [...] fazendo as coisas e se dedicando, se você tiver uma vida muito monótona ali, você sai um pouco da sua

rotina e começa pegar desafios, nem sempre elogiados [...] mas quando você mesma vê que conseguiu ultrapassar aquele desafio, aí você se sente melhor. (D)

Percebe-se, então que todos os sujeitos entrevistados se referem de modo positivo à sua auto-estima. Também, constata-se que são pessoas que lutam pela conquista de uma auto-estima elevada, o que se verifica principalmente, nos depoimentos dos sujeitos B, C e D.

Ao serem questionados sobre se “*O envelhecimento causou alguma mudança na sua auto-estima?*” (questão 2.3), o sujeito A manifesta que não teve mudanças em razão do envelhecimento. Verificou-se que ele aponta os aspectos positivos desse momento da sua vida.

Neste caso, trata-se de sujeito com 75 anos, e percebe-se que a sua fala não traduz uma negação da velhice, mas uma constatação de que a velhice não se apresenta com aqueles aspectos negativos que seriam esperados como comuns nessa idade.

Para ser sincero eu não estou me sentindo velho, eu estou contando os dias. Pela minha aparência, pela minha saúde eu não estou envelhecido, estou bastante resistente, com vigor físico e me sentindo bem, então graças a Deus, para mim eu não estou sentindo o envelhecimento. (A)

A mesma atitude, de olhar os aspectos positivos dessa fase da sua vida, é encontrada no depoimento do sujeito B. Ainda que reconheça existirem oscilações de humor, há o enfoque da autovalorização.

Me valorizar mais, porque eu não me considero velha, apesar de que mesmo que alguém fale, nossa a mãe tá gagá [...] você às vezes fica meio chata, mas ao contrário tenho que me valorizar mesmo. (B)

O sujeito C relata que sua auto-estima está elevada porque vê a velhice como um momento de maior independência e na qual tem maiores regalias. Mas, observa-se na sua fala que essa independência foi conquistada pela “luta” do sujeito consigo mesmo, para não ficar presa à rotina da sua casa.

Mais elevada, elevada, porque eu acho que a gente fica bem independente [...] tem mais, com mais regalia [...] a gente tem que lutar, tem que lutar porque se você não luta, se você se prende, fica assim dentro de casa, só presa dentro de casa, não quer fazer nada, não quer sair, eu acho que isso só vai piorando mais a situação da gente. (C)

O envelhecimento causou mudanças na auto-estima do sujeito D. Ele relatou que sua auto-estima sempre esteve elevada. Na fase da velhice, está fazendo várias atividades desafiadoras que, segundo o sujeito, aumentam ainda mais a sua auto-estima.

O envelhecimento causou mudanças, não posso dizer que não, mas nunca fui uma pessoa que esteve pra baixo, de ficar deprimida, sempre gostei da minha auto-estima, lógico que agora com a idade que tenho, conseguir fazer várias coisas que com 10 anos, com 20 anos eu nem pensava em fazer. Eu acho que isto também aumenta a auto-estima (D)

Os depoimentos analisados demonstram que os aspectos positivos da velhice estão sendo observados pelos entrevistados. Outro aspecto presente nos

depoimentos é a revelação de que todos os sujeitos estão se mantendo ativos e tendo atitudes em favor da auto-estima.

Esta condição se mostra na forma como o sujeito A se refere à sua condição física, resistente e vigorosa, e na atitude do sujeito B, em valorizar-se. O sujeito C é ainda mais explícito, ao relatar que deve sair e agir para manter a autoconfiança elevada, da mesma maneira que D se refere à necessidade de estar envolvido em atividades que anteriormente não fazia, como forma de manter elevada sua auto-estima.

São relatos que destacam a necessidade de os idosos manterem-se como autores de seus projetos de vida, que os instiguem e os movam na direção da realização desses projetos.

A percepção de uma relação muito forte entre a auto-estima e a existência de objetivos e planos na vida dos indivíduos é afirmada por ERBOLATO (2003:42) como objeto de estudo de outros pesquisadores. A mesma autora (2003:43) destaca que existem mudanças entre os objetivos e planos traçados por jovens e idosos, mas que na fase da velhice permanece a necessidade de definir constantemente objetivos a serem alcançados:

Como vimos, há necessidade de mudanças para cada objetivo proposto; uma vez atingido um deles, estabelecem-se novos objetivos, que requerem mais mudanças. E mudamos sem deixar de sermos nós mesmos. É possível dizer que a satisfação que acompanha o final de uma meta aumente e reforce o autoconceito e a auto-estima. Essa satisfação pode existir durante toda a vida, mesmo em pessoas muito idosas.

Fazer projetos de vida não pressupõe conotação de pensar algo irrealizável ou fazer algo tão fácil que sequer exija esforço, mas, ao contrário, traduz a idéia de algo que é possível fazer, e que requer um certo grau de planejamento e atuação efetiva do sujeito.

Ao projetar para sua vida o idoso necessariamente estará, assim, colocando-se tarefas para as quais se dispõe a agir para obter o resultado desejado.

4.2.3: EDUCAÇÃO CONTINUADA

Na questão 3.1 do roteiro: “*Antes do(a) senhor(a) freqüentar a Faculdade da Terceira Idade UNIVAP, qual era o significado de voltar a estudar?*”, buscou-se verificar junto aos sujeitos se consideravam importante, ou mesmo necessária, a continuidade da educação para as suas vidas. Pretendia-se constatar a existência de expectativas para voltar a estudar e a influência dessa opção.

Para A, voltar a estudar é a realização de um projeto de vida que não foi realizado na juventude por falta de oportunidade.

O significado de eu voltar eu tenho como que uma oportunidade que eu não tive antes, porque a minha vida foi muito difícil, eu nasci e me criei na roça [...] talvez seja um preenchimento de alguma coisa que ficou lá do passado e que agora quem sabe eu vou conseguir. (A)

Observou-se que B também relatou que o significado de voltar a estudar é a oportunidade de realizar um projeto de vida da sua mocidade. Esse sujeito

compara-se ao seu cônjuge, que exerce várias atividades individuais e admite que, os estudos são uma maneira de dedicação a si mesmo.

Isso eu sempre pensei, estudar, sempre, sempre. Então eu queria fazer alguma coisa. Quando moça não pude fazer, então quando eu pudesse eu vou [...] meu marido, né, sempre faz as coisas dele, as atividades dele, os esportes e tudo, ele viaja muito, mas é ele, né [...] nós não podemos estar sempre juntos, mas às vezes ele fica em alojamento, fica difícil de nós irmos juntos, então é ele que faz aquilo que gosta. (B)

Voltar a estudar é a realização de um projeto de vida também para sujeito

C. Trata-se da busca de mais aprendizado, mais que, simplesmente, a conclusão de um curso.

Olha, tinha vontade, porque eu só fiz o quarto ano primário, se vê, na minha época para hoje e muito diferente, tinha vontade de aprender mais português. (C)

No caso de D, que não pensava em voltar a estudar, ainda que tivesse o desejo de ter cursado uma segunda faculdade, freqüentar a Faculdade da Terceira Idade UNIVAP significou uma maneira de ocupar o tempo livre, que se transformou no interesse em atualizar-se, nessa atividade escolhido.

Na verdade eu nem pensava em voltar a estudar [...] eu queria fazer outra faculdade [...] eu vi que estava sozinha, não tinha o que fazer, tinha criado os filhos, já estava criando os netos, eu senti a necessidade de fazer uma coisa a mais para mim. Porque foi sempre assim, eu nunca fiquei parada [...] Nessa ocasião que eu entrei para a faculdade foi porque eu não tinha nada para fazer [...] Há principio foi ocupar o tempo, mas, depois, de atualizar [...] (D)

As hipóteses inicialmente levantadas indicavam o espaço da educação continuada como adequado para incentivo à formação de novos projetos de vida e mesmo à concretização de projetos anteriores de vida.

Mas, para além dessas hipóteses, foi reveladora a constatação de que voltar a estudar era, em si mesmo, a realização de um desejo, de um sonho e de um projeto de vida para três dos entrevistados.

Também, os depoimentos revelam que estar inserido em um projeto de educação continuada, como é a Faculdade da Terceira Idade UNIVAP, que oferece uma programação de múltiplas atividades aos seus alunos, foi uma forma encontrada pelos sujeitos para exercitar sua liberdade e autonomia, preenchendo o tempo livre com afazeres que lhes interessavam mais diretamente e lhes propiciavam atualização.

Tal situação, retratada em especial no depoimento do sujeito D, remete também à idéia de auto-estima, que, como foi indicada na análise feita dessa categoria, tem uma ligação estreita com a criação de novos objetivos para a vida do indivíduo.

Na questão 3.2 do roteiro: *“O que fez o(a) senhor (a) ter a iniciativa de voltar a estudar?”*, identificaram-se quais os motivos de os idosos entrevistados voltarem a estudar. Buscou-se, ainda, o contato com as situações vividas pelos idosos no momento da escolha deles pelo retorno aos estudos.

A iniciativa de voltar a estudar surgiu para o sujeito A em razão da existência de um espaço escolar específico para a terceira idade. Notou-se, no

depoimento, que o fato de haver um espaço voltado para as necessidades desse público específico foi determinante para o retorno desse idoso ao seu projeto de voltar a estudar.

A gente estava esperando uma oportunidade e não tinha aparecido essa oportunidade da pessoa da terceira idade voltar a comandar uma sala de aula. (A)

A iniciativa de freqüentar a Faculdade da Terceira Idade da UNIVAP surgiu para B como a oportunidade de realizar um sonho que vinha desde a sua juventude. Aqui, também, nota-se que o retorno aos estudos tem uma conotação especial por ocorrer na velhice, sendo visto como uma realização “maior ainda”, além de ser algo “mais gostoso”.

Sempre foi meu sonho fazer uma faculdade. [...] é a realização de um sonho. Quando moça, seria um sonho de moça, mas, agora na terceira idade, é um sonho maior ainda, mais gostoso, um sonho muito bom. (B)

Nesta questão, o sujeito C respondeu que conheceu a Faculdade da Terceira Idade UNIVAP por meio de uma amiga. As atividades que foram oferecidas atenderam às suas expectativas e fizeram-no continuar freqüentando o curso. Observa-se nessa fala como há um caráter prazeroso diretamente ligado à freqüência, que não é vista como uma obrigação.

Olha, foi uma amiga minha que entrou no primeiro grupo que entrou aqui. Nós somos muito amigas e ela me trouxe para cá. Só que ela terminou o curso e saiu e eu fiquei e tô aqui até hoje [...] achei que era uma boa [...] a gente aprende mais alguma coisa [...] você não tem obrigação, mas freqüenta. (C)

A vontade de fazer algo novo, a necessidade de ocupar seu tempo livre e o desejo de conseguir atualizar-se, foram os motivos que levaram D a freqüentar a Faculdade da Terceira Idade UNIVAP.

[...] a vontade de fazer alguma coisa nova, ocupar o tempo, ter mais atualização. (D)

As respostas recolhidas nessa pergunta demonstram haver necessidades próprias a serem atendidas pela educação continuada voltada para a velhice.

Constatou-se que existem expectativas, por parte dos idosos, em torno dos projetos de educação continuada, inclusive quanto ao fato de proporcionarem espaços específicos para esse seguimento social, como apresentado na resposta do sujeito A, que viu nessa dedicação a razão essencial para voltar a estudar: *“quando eu fiquei sabendo, me entusiasmei e cheguei lá no dia da matrícula.”*

Mas, também quanto ao conteúdo oferecido por esses projetos revelou-se que se espera que atendam objetivos próprios e múltiplos que são peculiares aos idosos, tais como o preenchimento de tempo livre e a necessidade de atualização.

Notou-se, como peculiaridades próprias dos sujeitos que freqüentam essa forma de educação continuada, que para eles o retorno aos estudos tem uma dimensão muito grande de realização de sonho e de projeto de vida e que não constitui o atendimento de uma obrigação imposta externamente.

Ao perguntarmos para os sujeitos: *“Mudou alguma coisa na vida do senhor (a) depois que o(a) senhor (a) voltou a estudar?”* (questão 3.3 do roteiro), foi

possível investigar as alterações que ocorreram na vida do sujeito com sua volta aos estudos.

Com a aposentadoria sujeito A conseguiu tempo livre, que preencheu com as atividades da Faculdade da Terceira Idade UNIVAP. Notou-se, na resposta, desse idoso uma atitude positiva em relação à sua aposentadoria, vista como um tempo para “[...] desfrutar daquilo que a gente já fez [...]”, tempo este que foi utilizado para a realização do objetivo de voltar a estudar.

Esse modo de encarar a aposentadoria enquanto uma oportunidade do idoso retomar investimentos em si mesmo e realizar novas descobertas em sua vida é colocado por PACHECO (2004: 221), que conclui pela possibilidade de o idoso utilizar seu tempo livre de modo lúdico:

Por outro lado, projetos criativos, elaborados a partir da tomada de consciência da sua situação de sujeito socialmente construído, podem lhe oportunizar um novo relacionamento com a vida e o aproveitamento desse tempo livre de que dispõe [...]

É desta forma que esse sujeito relata que cursar a Faculdade da Terceira Idade UNIVAP tornou-se um benefício prazeroso.

Acho que o que mudou um pouco foi o preenchimento de um tempo que estava meio vazio. Porque depois que me aposentei, porque para mim já chegava de trabalhar, falei comigo: - Se for me aposentar é para parar de trabalhar, senão não se aposenta. Quem se aposenta é para desfrutar daquilo que a gente já fez, então já me aposentei, estou me sentindo bem [...] vou aproveitar este tempinho que eu tenho e vou fazer uma faculdade que isto me beneficia, como eu tenho gostado imensamente [...]

(A)

Após sua inserção na Faculdade da Terceira Idade UNIVAP, o sujeito B sentiu que se valorizou mais. Ele também alterou sua rotina, para participar das atividades do curso, assumindo compromisso maior com seus desejos e emoções.

Em conseqüência da sua participação na Faculdade da Terceira Idade UNIVAP, esse idoso sente-se mais à vontade e realizado. Destaca a importância da educação, independentemente da idade do estudante.

Eu acho que me valorizei mais também, acho tempo pra ir à aula. Aquele é o dia da aula. Me organizei. Mesmo que seja assim corrido pra nós estarmos na escola, mas aquele dia é aquele dia. Mudei a vida, já falei pro pessoal, segunda e quinta a gente não está em casa, se quiser fazer uma visita pra mim, é durante a semana, na quarta ou na sexta [...] esse compromisso eu tenho é comigo, com a minha auto-estima, com meu ego, com a minha afetividade e com as minhas emoções, porque a gente também quer trabalhar com as emoções. Fiquei mais solta...fiquei mais a vontade [...] e também me realizei [...] escola é muito importante, não importa a idade. (B)

Um sentimento de maior valorização e reconhecimento foi relatado no depoimento do sujeito C, em razão das novas atividades que tem desenvolvido com a sua participação da Faculdade da Terceira Idade UNIVAP.

Foi possível notar que a referida idosa relata a sua vida como contendo acontecimentos positivos e indicando as atividades nas quais ela se sente realizadora.

Conversa com um, conversa com outro [...] tudo, mudou tudo. Porque você vê, eu nunca pensei antes tá fazendo uma entrevista

com você e uma entrevista no jornal. Você vê, tudo isso é novidade. Se vê, igual quando termina uma espetáculo que a gente faz, é um que vem e abraça, outro que vem, né? Que dá os parabéns. (C)

O sujeito D apontou como mudanças ocorridas com a sua participação na Faculdade da Terceira Idade UNIVAP a aquisição de novos conhecimentos e a expansão do seu círculo de relacionamento social.

Achei que foi muito bom, porque além dos conhecimentos, conheci outras pessoas, sai daquele mundinho que era só minha família e alguns conhecidos do meu marido [...] (D)

As respostas obtidas fazem ver as mudanças significativas nas vidas dos idosos entrevistados, em razão da sua participação no projeto de educação continuada da Faculdade da Terceira Idade UNIVAP.

Notou-se que a educação continuada forneceu um espaço privilegiado para os idosos ocuparem seu tempo livre em razão da aposentadoria, com atividades que eles reconhecem como satisfatórias e que lhes eleva a auto-estima.

Freqüentar a Faculdade da Terceira Idade UNIVAP significou uma conquista relevante para os três entrevistados que ainda permanecem como alunos, e para manter seus resultados procuram alterar suas rotinas, agindo em favor de sua qualidade de vida. Dentre essas mudanças situa-se a ampliação das relações sociais desses idosos, destaque feito por D.

É possível ver, deste modo, que a participação dos idosos nesse projeto de educação continuada tem permitido que eles elaborem melhores maneiras de

viver sua velhice de um modo produtivo e satisfatório, aproximando-se daquele objetivo de viver plenamente o seu tempo. Como preconiza LIMA (2001:22):

[...] o idoso que é sujeito do tempo, um tempo que ele habita, que vive o seu presente, sente-o enquanto está vivendo, em direção a um futuro e não ao fim, preservando suas experiências vividas, reorganizando-as sempre.

Deste modo, ao lado da constatação, já mencionada, de que o próprio fato de voltar a estudar se constitui, para muitos idosos, a realização de um projeto de vida, cabe outra constatação que também entrelaça educação continuada com projeto de vida na terceira idade, que é a identificação da educação continuada como espaço que possibilita ao idoso exercer sua autonomia e independência e desfrutar dos resultados dessa sua atitude.

Considerando a elaboração de projetos de vida como dependendo de condições subjetivas e objetivas, individuais e sociais, como nos apresenta ALMEIDA (2005:98), é possível afirmar que as mudanças positivas no próprio idoso favorecem os elementos necessários para a formulação de projetos de vida e desconstroem a visão equivocada e preconceituosa acerca da velhice, que se impregna não raramente nos próprios idosos e os paralisa. Afinal, como diz essa autora (2005:104):

Quando nossa atenção recai sobre a velhice, a voz dos próprios idosos soa, muitas vezes, como eco às formulações que postulam a inviabilidade de os idosos formularem e desenvolverem projetos de vida.

O idoso exercita na educação continuada as suas habilidades de lidar com sua rotina, abrindo espaço para realizar aquilo que gosta, e expande suas

relações sociais, permitindo o surgimento de novas oportunidades e, dentro dessas novas situações, a própria elaboração e realização de projetos de vida.

4.2.4: PROJETO DE VIDA

Por meio da questão 4.1 do roteiro: “*A participação do senhor (a) na Faculdade da Terceira Idade UNIVAP ajudaram-no (a) a retomar algum sonho, desejo, vontade ou projeto de vida?*”, investigou-se a percepção dos sujeitos sobre a possibilidade ou não de influência das informações e do aprendizado obtidos na Faculdade da Terceira Idade UNIVAP sobre a retomada de projetos de vida.

Os termos “sonho”, “vontade” e “desejo”, foram inseridos na pergunta em razão da associação comumente feita entre seus significados e o significado do termo “projeto de vida”, muitas vezes tratados como sinônimos. Assim, permitir a reflexão dos sujeitos sobre esses termos foi uma forma de despertar informações ligadas a “projeto de vida”.

Procurou-se, na análise das respostas, os enfoques específicos para identificar as informações, conhecimentos e as idéias que se referissem aos projetos de vida anteriormente arquitetados, agora retomados, de modo a desencadear a reflexão dos sujeitos sobre a existência ou não desses projetos.

O sujeito A relatou seu prazer em voltar a estudar, porque para ele é importante usar corretamente a língua portuguesa. Percebe-se, nessa atitude, a

continuação de um projeto de vida, quando o aluno diz do seu hábito de leitura, do cuidado com sua pronúncia e do seu desejo de se aperfeiçoar.

O sujeito B narrou a compatibilidade entre as atividades proporcionadas pela Faculdade da Terceira Idade UNIVAP e o seu projeto de vida, que, segundo ele, seria dedicar-se a adquirir conhecimentos para enriquecer a sua vida, porém, sem a pretensão de “coisas tão avançadas” ou “complicadas”.

Mas, esses dois sujeitos não indicaram a existência de projetos de vida que teriam sido retomados a partir das informações e conhecimentos obtidos na Faculdade da Terceira Idade UNIVAP.

De certa forma, sim. Porque eu tenho algum conhecimento de leitura, que eu leio bastante. E eu capricho na minha pronúncia, por que eu nasci em um país que adota a língua portuguesa e eu tenho a modo que falar a língua o melhor possível, porque eu não quero chegar em um determinado momento ficar falando coisas que não têm sentido [...] E eu quero ser um cidadão que possa pronunciar da melhor maneira possível a língua portuguesa, eu tenho este cuidado. (A)

Ah, sim [...] porque agora eu não pretendo fazer coisas tão avançadas, em vou me aventurar a fazer coisas mais complicadas, então eu acho que pra nós, pra minha idade, o que a faculdade proporciona é excelente, não há necessidade de ser tanta coisa, porque um pouco mais que você vai adquirir de conhecimento só vai enriquecer pra você e pra sua vida [...] (B)

A participação na Faculdade da Terceira Idade UNIVAP permitiu a realização de um sonho acalentado há muitos anos pelo sujeito C. Para esse idoso aprender a pintar tornou-se um desejo a partir de um momento em sua vida

e ficou guardado por doze anos. Quando já freqüentava a Faculdade da Terceira Idade UNIVAP foram incluídas aulas de pintura, materializando-se nesse momento a oportunidade de concretizar o seu projeto.

O sujeito não hesitou e buscou a realização do seu sonho, inclusive contratando aulas particulares de pintura (informação que não apareceu neste depoimento e que foi relatada, informalmente, em contato posterior). Percebe-se que este idoso ao narrar esse acontecimento atribui a ele uma grande importância, tanto que passou a fazer parte da sua história de vida.

Nossa, foi o que eu sonhei toda vida, aprender a pintar, nunca tive condições financeiras de fazer, né? Quando eu fui fazer a nova inscrição aqui, que soube que ia ter uma nova professora de pintura, para mim foi um sonho. Foi um sonho mesmo, sabe? Eu guardei uma folhinha que meu filho já ganhou, falei com ele: - Quando terminar o ano, você me dá essa folhinha que um dia eu vou aprender a pintar [...] guardei doze anos e falei: - Vou realizar meu sonho. E foi a primeira coisa que fiz eu quando eu comecei a pintar. (C)

O sujeito D não se referiu à existência de projetos de vida anteriores a serem retomados em razão das informações e conhecimentos obtidos na Faculdade da Terceira Idade UNIVAP.

Eu não tinha nada para fazer [...] surgiram outros sonhos. (D)

Entende-se como significativo que, dentre os sujeitos entrevistados, tenha sido obtida uma resposta afirmativa da existência de projeto de vida anteriormente feito, o qual foi retomado a partir das informações e conhecimentos obtidos na Faculdade da Terceira Idade UNIVAP.

Realmente, pode-se verificar, na resposta de C, o quanto foi importante para ele ter tido a oportunidade de freqüentar as aulas de pintura na Faculdade da Terceira Idade UNIVAP e, a partir dessas aulas, perceber sua capacidade para desenvolver seu talento para a pintura.

A informação desse idoso, de que contratou aulas particulares de pintura, permite a conclusão de que as aulas de pintura que ocorreram no contato com a educação continuada funcionaram como uma revelação da sua capacidade de realização, um estímulo que antes não existia.

Notou-se, nessa ocasião, que a situação econômica não impedia esse idoso de ter aulas de pintura, que depois veio a contratar de forma particular, mas havia dificuldade em vencer as barreiras interiores que o impediam de ver esse projeto de vida como possível, realizável.

Ao indagarmos se: *“A convivência que o (a) senhor (a) obteve na Faculdade da Terceira Idade UNIVAP ajudaram-no (a) a retomar algum sonho, desejo, vontade ou projeto de vida?”* (questão 4.2 do roteiro), as mesmas considerações que levaram à formulação da pergunta anterior estão presentes, mas a especificidade da informação buscada remete ao ambiente de convivência social, que é natural no espaço da Faculdade da Terceira Idade UNIVAP.

O projeto de vida se inicia nesta trama complexa de relações, de construção de saberes sobre si e sobre o mundo, na medida em que significados são partilhados no cotidiano. Assim, buscou-se investigar se as relações de convivência teriam ou não ajudado na retomada de algum projeto de vida,

Para os sujeitos A e B, até o momento em que foram feitas as entrevistas, a convivência propiciada pela Faculdade da Terceira Idade UNIVAP não havia proporcionado a retomada de projetos de vida, porém esses sujeitos indicaram a satisfação que esta convivência lhes oferece, o que é uma mudança considerável em suas vidas.

Eu sinto realmente uma alegria imensa. A gente tem um convívio com um grupo enorme de pessoas. Então, se a gente não se fechar no mundinho da gente, podem participar com a gente. E é realmente muito importante. Quando a pessoa se fecha é realmente um problema [...] é muito bom esta oportunidade que aparece prá gente e as amizades que a gente conseguiu. (A)

[...] o banco da escola é muito gostoso, o conhecimento e conhecer pessoas novas, isso volta no tempo atrás. (B)

Ao analisar-se a resposta oferecida pelo sujeito C observou-se que o fato de freqüentar a Faculdade da Terceira Idade UNIVAP lhe permitiu a convivência com outros idosos e a troca de experiências.

Este idoso relata que sempre foi uma pessoa retraída, mas que conseguiu sentir-se à vontade, tornando-se mais comunicativo e, dentro dessa nova condição, realizou seu sonho de aprender a dançar tango, conforme relato a seguir:

[...] depois que eu entrei para aqui, mudou completamente minha vida. Se encontra pessoa como eu, se conversa, troca experiência com um com outro. Um sonho que eu tive de aprender dançar, quando eu entrei para faculdade, o dia do calouro, o que eu tinha que fazer foi dançar uma valsa com o Val (professor de dança de salão da Faculdade da Terceira Idade UNIVAP). Isso foi um sonho, eu falei com ele: - Olha, Val, eu tenho muita vontade de

aprender a dançar tango. E ele falou assim: - Mais aqui eu não posso te ensinar, se você quiser você vai para academia. Eu fui e foi para mim, um sonho [...] por que toda vida eu fui retraída [...] desde criança eu era assim mesmo, mais aqui eu já abri mais um pouco, me soltei. Você vê muita gente, aqui, com a convivência com as colegas aqui. Todo mundo sabe seu nome, eu não sei nome de quase ninguém, todo mundo me chama pelo nome e eu não sei [...] não sou metida, é que eu sempre fui mais humilde. (C)

As mesmas impressões positivas, dos sujeitos A e B, acerca da convivência, são relatadas pelo sujeito D, que acrescenta sentir a necessidade desta convivência, para além da vida familiar, o que foi importante na descoberta de novas perspectivas para a sua vida.

Quase não tinha vida social, era mais família e sentia necessidade disto. Ficar conhecendo outros problemas além da minha família e pensar em outras coisas. [...] eu tive mais abertura com a família. E antes eu saía só com o meu marido, depois saía sozinha [...] fiquei com uma liberdade dentro da família também. (D)

A convivência que o ambiente da Faculdade da Terceira Idade UNIVAP proporciona aos seus alunos aparece como fator de satisfação em todos os depoimentos.

Essa situação mostra-se propícia para que o idoso construa uma imagem positiva e confiante de si mesmo, como se deu com C, que conseguiu superar o seu modo de ser “retraído” para buscar a realização do seu projeto de vida.

É relevante essa situação de uma atitude que se inicia na Faculdade da Terceira Idade UNIVAP e se prolonga para fora desse espaço, pois esse idoso

consegue, aos oitenta anos, afastar os obstáculos e freqüentar uma academia de dança de salão na qual irá aprender a dançar tango. É a demonstração prática daquelas condições referidas por ALMEIDA (2005:108) sobre projetos de vida na velhice:

Se é certo que na velhice o passado é mais amplo, não é menos certo que nele residem, freqüentemente, virtualidades que permaneceram adormecidas e que pedem para ser acordadas. Apreendidas a partir da questão dos projetos de vida, importa localizar e atualizar, quando possível, essas virtualidades; importa criar condições para que elas não só se explicitem, como ganhem estatuto de realidade.

Ao questionar: *“Por que o(a) senhor (a) não realizou (ou não havia realizado) seus sonhos?”* (questão 4.3), buscou-se dados para o conhecimento do universo dos idosos entrevistados, obtendo-se material necessário à interpretação das suas respostas.

O sujeito A apontou como um sonho não realizado em sua infância o fato de não estudar. Disse que foi impedido de realizar esse sonho pelo fato de morar na roça e por questões profissionais.

Minha vida foi muito difícil, eu nasci e me criei na roça [...] passei por várias profissões e não tive tempo de estudar. (A)

Observou-se também na resposta do sujeito B que sempre esteve presente na vida do aluno o desejo de estudar, o que não pôde realizar antes do casamento. Embora tenha realizado um curso voltado para profissionalização, seu desejo de estudar não se realizou, inclusive por conta de cuidados dedicados à saúde de uma filha.

Interpreta-se na resposta desse idoso que o fato de poder freqüentar a Faculdade da Terceira Idade UNIVAP consistiu na realização de seu antigo sonho de estudar, e teve uma dimensão importante em sua vida.

Sempre pensei em estudar [...] quando era moça eu não pude fazer os estudos [...] depois de casada fiz um curso de corte e costura, fiz inteirinho e peguei diploma [...] E ainda minha filha tem esquizofrenia, e é assim mesmo que tem que conviver, eu levei 20 anos procurando saber [...] e quando foi detectado pelo neurologista [...] é a partir daí começaram os remédios. (B)

O sujeito C narrou que deixou de realizar seus sonhos, primeiro porque teve que ajudar seu cônjuge em sua profissão e, depois, com a morte do cônjuge, teve que se dedicar a criar os filhos.

Meu marido morreu e deixou doze filhos, o menor tinha 4 anos de idade. Se você for ver é uma luta, né? [...] apesar de tudo quando meu marido era vivo, eu era muito ativa, porque nessa época, meu marido tinha oficina em casa, eu cuidava da casa e ajudava na oficina [...] ele tinha marcenaria e ele trabalhava sozinho, então eu ia ajudar ele fazer alguma coisa, lixava, pregava [...] às vezes eu fazia serviço de rua [...] depois que eles fecharam a oficina foi só luta. (C)

O sujeito B afirma que sempre realizou seus sonhos, afirmando que voltou a estudar somente para preencher seu tempo livre.

Eu sempre realizei os meus sonhos [...] eu fui estudar, porque não tinha nada para fazer. (D)

Referente à questão 4.4 do roteiro: “*O fato do (a) senhor (a) ter voltado a estudar proporcionou sonhos, desejos, vontade ou projetos de vida que o senhor*

(a) ainda não havia tido? Que são novos?'", trata-se de pergunta que busca esclarecer a existência de relação entre o projetar para a vida e a educação continuada.

A referência aqui está em perceber a existência ou não de projetos que foram executados ou estavam sendo executados pelos sujeitos, mas que teriam sido feitos a partir do contato com a Faculdade da Terceira Idade UNIVAP.

O sujeito A afirmou que, por estar ainda no início do curso, não houve tempo para formulação de projetos de vida, mas reconhece a possibilidade disso acontecer.

No momento eu pude assimilar pouca coisa [...] que o tempo que a gente está lá é pouco, foi de ter uma base, de onde a gente vai partir para as realizações, que vão surgir. Então isso deverá mudar na nossa continuidade na Faculdade da Terceira Idade.
(A)

Freqüentar a Faculdade da Terceira Idade da UNIVAP motivou B a iniciar um curso de computação.

[...] eu comecei a fazer computação [...] Eu não sei mexer no computador, mas meus netos têm, mas nunca mexi, apenas em um joguinho que eles me ensinaram como mexer no mouse [...] então eu voltei e comecei a fazer computação e achei muito gostoso. (B)

O sujeito C não fala do surgimento de um novo projeto de vida a partir da sua freqüência na Faculdade da Terceira Idade UNIVAP, mas relata que foram acrescentadas outras atividades à sua rotina de vida e que isso lhe proporciona um novo modo de viver, o que o deixa muito satisfeito.

[...] eu acho que fiquei realizada freqüentando aqui, porque muitas coisas novas aparecem, é viagem, é uma aula, é uma coisa, é outra. (C)

O sujeito D relata que teve início na Faculdade da Terceira Idade UNIVAP a idéia de um projeto de criar um centro de atividades voltado para a terceira idade, projeto executado após sua saída da Faculdade da Terceira Idade UNIVAP.

Essa idéia de ter o CATIVA (Centro de Atividades para a Terceira Idade – entidade fundada por essa idosa) partiu na Faculdade da Terceira Idade. Nessa eu comecei a ver o problema do idoso. Porque na minha família não tinha quase o idoso e não tinha esses problemas. (D)

São significativos os dois relatos colhidos, identificando a elaboração de projetos de vida para os idosos a partir da volta a estudar.

Vê-se na atitude do idoso B, a tentativa de se manter íntegro enquanto pessoa, apropriando-se do conhecimento necessário para agir de modo autônomo. No caso, o curso de computação representou a possibilidade de adquirir maior autonomia.

O ato de projetar é, em si mesmo, sempre essencial para o ser humano, mas será ainda mais quando o projeto feito se destine a permitir que o indivíduo exerça plenamente as suas potencialidades com liberdade e autonomia.

Da mesma forma, o sujeito D reflete a tomada de consciência da sua importância enquanto pessoa, não apenas sob o ponto de vista da sua vida, mas da influência que pode exercer no meio social.

Quando esse idoso propõe um projeto de vida tão relevante quanto a fundação de um centro de convivência para idosos, o CATIVA, deixa claro que a questão de marginalização do idoso tomou, em sua vida, um significado mais que individual e se ampliou para a própria sociedade.

Tais situações se colocam na perspectiva dos idosos exercendo seus potenciais de modo pleno, exercício que somente se mostra possível quando se tem possibilidade de projetar constantemente objetivos para suas vidas. Sobre esta questão afirma ALMEIDA (2205: 107) que: “Muitas das capacidades humanas dependem de constante exercitação para permanecerem vivas e atuantes; dependem, também, da possibilidade de se alimentarem de projetos [...]”

O questionamento sobre “*Qual é o seu projeto de vida para o futuro?*” (questão 4.5 do roteiro) pretendia verificar as situações que os sujeitos percebiam como projetos para execução futura, distinguindo-se daqueles projetos que eles sentiam já em realização.

Foi feita uma análise para verificar se tais projetos futuros sofreram alguma influência pelo fato dos sujeitos estarem freqüentando a Faculdade da Terceira Idade UNIVAP.

A pergunta permite um leque aberto de respostas, pelas quais foi possível fazer uma verificação ampla da relação entre projeto de vida e educação continuada.

O idoso A relatou como ensinar é importante para ele, que tem como projeto futuro de vida aprender com o professor de teatro e levar esse

aprendizado para a sua igreja, onde gostaria de iniciar um grupo para montar peças evangélicas.

Percebe-se, assim, que a resposta dada ainda pelo sujeito A à pergunta anterior é positiva e que, apesar do pouco tempo de frequência na Faculdade da Terceira Idade UNIVAP, que foi citada em sua resposta anterior, o idoso já construiu um projeto de vida a partir do contato com a educação continuada.

Continuar freqüentando a Faculdade da Terceira Idade UNIVAP passou, também, a ser identificado como um projeto de vida desse idoso.

[...] por exemplo, se eu tiver a oportunidade de ganhar conhecimento eu vou levar conhecimento teatral para a minha igreja, porque a gente necessita de um grupo para fazer teatro na igreja, de peças evangélicas.[...] aprender é muito útil, mas ensinar também faz parte da vida e é útil para outras pessoas também. Essa Faculdade da Terceira Idade veio para mim, talvez, para preencher uma parte que estava vazia, não pude fazer antes, mas agora eu vou em frente. (A)

Continuar a freqüentar a Faculdade da Terceira Idade UNIVAP aparece como um projeto de vida, também para o sujeito B.

Eu realizei, porque agora eu não pretendo fazer coisas tão avançadas, nem vou me aventurar a fazer coisas mais complicadas, então eu acho que para nós, para minha idade, o que a faculdade proporciona é excelente. (B)

As atividades que dão prazer foram incorporadas à vida do sujeito C se constituíram num projeto de vida permanente para o idoso. A menção a continuar freqüentando a Faculdade da Terceira Idade UNIVAP é feita por esse idoso.

O futuro só a Deus pertence [...] mas eu quero estar freqüentando um lugar assim igual a faculdade, para poder ter uma vida melhor, com comunicação com outras pessoas, conhecer e ter relacionamentos. Quero continuar pintando e dançando.
(C)

A continuidade de uma postura ativa e a receptividade a novas oportunidades e objetivos fazem parte do projeto de vida de D.

O meu projeto é continuar em atividade até o fim, eu pretendo, sim, não parar, sempre estar aberta às novas propostas [...] estar procurando objetivos e fazendo alguma coisa, porque é o que dá saúde. (D)

É significativo como a maioria dos sujeitos vêem como projeto de vida o fato de continuar freqüentando o espaço da Faculdade da Terceira Idade UNIVAP, o que está em consonância com as respostas oferecidas anteriormente, nas quais as atividades dos alunos nesse espaço de educação continuada são reconhecidas como relevantes para suas vidas e extremamente agradáveis.

Também tem dimensão relevante para o objetivo desta pesquisa a constatação de que sujeito A tenha construído um novo projeto de vida estimulado pelo seu contato com o ambiente proporcionado pela educação continuada, no seu aspecto de difusão do aprendizado.

As respostas oferecidas pelos sujeitos às questões elaboradas em torno das categorias auto-estima, liberdade e projeto de vida demonstraram a existência de relação elas.

Percebe-se que a realização de projetos de vida é motivada a partir da liberdade que a velhice proporciona na vida dos sujeitos entrevistados e, ao se

realizar esses projetos de vida, o indivíduo constrói uma imagem de si mesmo mais firme e mais segura. Essa mudança refletiu-se em melhoria da auto-estima e valorização pessoal, como constatada na fala do sujeito B: *“Eu posso fazer o que eu quiser”*.

Independente do nível de escolaridade dos sujeitos, a educação continuada atua nesta relação ao oferecer para os idosos um ambiente adequado e estimulante rumo à descoberta de seus potenciais, formulação e realização de novos projetos de vida. O espaço da educação continuada é também direcionado para o exercício da liberdade e elevação da auto-estima do idoso.

Diante da análise desenvolvida neste trabalho, em relação ao objetivo geral proposto, ficou corroborada a existência da relação entre educação continuada e projeto de vida de pessoas idosas, especificamente no âmbito da Faculdade da Terceira Idade UNIVAP.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Viver plenamente as potencialidades humanas requer do indivíduo que mantenha ativa a sua capacidade para fazer projetos de vida que atendam suas necessidades e respondam às constantes mudanças que ocorrem em sua vida.

Na velhice o indivíduo não pode abrir mão da sua capacidade de projetar para a vida, nem tampouco deve se render aos preconceitos que o impeçam de ver-se como capaz e merecedor de construir novos projetos de vida ou de realizar os projetos que já tenham sido idealizados.

A situação de exclusão vivenciada por muitos idosos ocorre principalmente em razão dos preconceitos decorrentes de uma visão negativa da velhice e esta situação de exclusão gera obstáculos para que o indivíduo possa usufruir de seus direitos sociais.

As capacidades de aprender e de projetar para a vida comunicam-se e combinam-se nos seres humanos, alimentando-se mutuamente. Na fase da velhice essa relação não se mostra diferente.

A educação continuada, enquanto expressão de incentivo da capacidade de aprender, proporciona um ambiente ideal para estimular nas pessoas a retomada de projetos anteriores de vida, que não foram realizados, e a construção de novos projetos, nos quais se exprime a crença nas possibilidades do futuro.

Os resultados desta pesquisa demonstram que essa mesma condição é válida também para a educação continuada voltada aos idosos, pois, o ambiente de relações sociais proporcionado pela educação continuada a essa população favorece tanto a capacidade de aprender quanto a de realizar projetos de vida. Destaca-se a idéia de que voltar a estudar, para muitos idosos, é a realização de um projeto de

vida, além das conquistas em relação ao sentido de liberdade, no âmbito de autonomia e independência.

Gozar de autonomia e de independência como condição para sua participação no processo de educação continuada torna-se significativo para o idoso. Esta mesma condição de liberdade é requerida para a realização de projetos de vida. Tal relação se faz de modo combinado, pois a participação do idoso no processo educacional em continuidade e a realização de projetos de vida permitem que exercite e fortaleça a sua capacidade de ser livre.

A auto-estima na velhice recebe influência positiva das atitudes desenvolvidas pelos idosos a partir do contato com a educação continuada e com seus projetos de vida.

A sociedade atual ainda cultiva idéias que se sustentam em preconceitos e na desconsideração da dignidade do idoso. É preciso urgentemente formular uma postura social coerente com a verdade da velhice: uma fase maravilhosa na vida, na qual é natural que o indivíduo conviva com as dificuldades e facilidades que lhe são peculiares.

Um passo fundamental na direção dessa nova postura exige que a sociedade crie oportunidades para que o contingente cada vez maior de pessoas que usufruem do privilégio de envelhecer possa se manter ativo e participante na sua própria vida e na vida do seu grupo social.

Os que envelhecem têm o direito natural de exercer plenamente suas potencialidades e a medida das suas condições biológicas, psicológicas e sociais

deve ser vista dentro da dimensão de simples medida. Medida que cabe ao indivíduo e à sociedade respeitarem e reverterem em favor do crescimento humano.

Os projetos de vida que são feitos ou que são retomados a partir do momento que o idoso entra em contato com a educação continuada demonstram como a educação é um fabuloso instrumento de conscientização, ao oferecer, para os idosos, oportunidades de convivência, de atualização e de desenvolvimento pessoal.

Considera-se importante o aumento de projetos de educação continuada como a Faculdade da Terceira Idade UNIVAP, que ofereçam um trabalho sério, criterioso e profissional, pois a educação continuada é um direito e um meio importante de exercício da cidadania.

O envelhecimento, em sua condição de acontecimento apenas cronológico, não é, em si mesmo, uma garantia do exercício dos potenciais de vida e, por isso, é preciso que se imprima ao passar do tempo a sua dimensão de humanidade, na qual cada pessoa evolui enquanto indivíduo e enquanto parte do todo social.

A relação entre educação continuada e projeto de vida de pessoas idosas tem o sentido de oportunidade de uma velhice com desenvolvimento pessoal e social. Vista desta perspectiva, a longevidade revela-se como a verdadeira conquista que é para o ser humano, enquanto uma extensão do seu tempo de vida plena, em que são possíveis novos aprendizados, outros sonhos e a realização de mais e belos projetos de vida.

BIBLIOGRAFIA

ALMEIDA, Vera Lúcia Valsecchi de. Velhice e projetos de vida: possibilidades e desafios. In: CÔRTE, Beltrina; MERCADANTE, Elisabeth Frohlich; ARCURI, Irene Gaeta (orgs.). **Velhice envelhecimento complex(idade)**. São Paulo: Vetor, p. 93 – 110, 2005.

BARROS, Myriam Moraes Lins. **Velhice ou 3ª idade?** 2ª ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2000.

_____. Envelhecimento, cultura e transformações sociais. In: PY, Lígia; PACHECO Jaime Lisandro; SÁ Jeanete Liachh Martins de et al. (orgs.). **Tempo de envelhecer: percursos e dimensões psicossociais**. Rio de Janeiro: NAU Editora, p. 39 – 60, 2004.

BEAUVOIR, Simone de. **A velhice**: Rio de Janeiro: Nova FRONTEIRA, 1990.

BERQUÓ, Elza. Considerações sobre o envelhecimento da população no Brasil. In: NERI, Anita Liberalesso; DEBERT, Guita Grin (orgs.). **Velhice e sociedade**. Campinas: Papirus, p. 11 – 40, 1999.

BERZINS, Marília Anselmo Viana da Silva. Envelhecimento populacional: uma conquista para ser celebrada. **Revista Serviço Social e Sociedade, Velhice e Envelhecimento**. São Paulo: Cortez Editora, Ano XXIV, n. 75: 19-34, 2003.

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade: lembranças de velhos**. 3ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

_____. **O tempo vivo da memória: ensaios de psicologia social**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.

BOTH, Agostinho. **Gerontologia: educação e longevidade**. Passo Fundo: Imperial: 1999.

BRANDÃO, Vera Maria A. Tordinio . Os fios da memória da trama da cultura. **Revista Kairós**. São Paulo: EDUC, ano 2, n. 2: 45 – 53, 1999.

_____. **Memória, cultura, projeto de vida**. 1999. Dissertação. PUC, São Paulo.

BREHONY, Kathleen A. **Despertando a meia-idade: tomando consciência do seu potencial de conhecimento e mudança**. São Paulo: Paulus: 1999.

BRIGGS, Dorothy Corkille. **A auto-estima do seu filho**. 3ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

BRUNO, Marta Regina Pastor. Cidadania não tem idade. **Revista Serviço Social e Sociedade, Velhice e Envelhecimento**. São Paulo: Cortez Editora, Ano XXIV n. 75: 74-83, 2003.

CACHIONI, Meire. **Quem educa os idosos? Um estudo sobre professores de universidades da 3ª idade**. Campinas, SP: Editora Alínea, 2003.

CAMARANO, Ana Amélia. **Muito além dos sessenta: os novos idosos brasileiros**. Rio de Janeiro: IPEA, 1999.

_____. **Envelhecimento da População Brasileira: Uma Contribuição Demográfica**. IPEA, Rio de Janeiro: 2002.

CANOAS, Cilene Swain. **O olhar feminino sobre 2010**. São Paulo, Textonovo editora – SESC: 1997.

CAPITANINI, Marilim Elizabeth S. Solidão na velhice: realidade ou mito? In: NERY, Anita Liberalesso e FREIRE, Sueli Aparecida (orgs.). **E por falar em boa velhice**. Campinas: Papirus, p 69 - 79. 2000.

CHIZZOTTI, Antonio. **Pesquisa em ciências humanas e sócias**. 6ª ed. São Paulo: Cortez, 2003.

DEBERT, Guita Grin. **A reinvenção da velhice: socialização e processos de reprivatização do envelhecimento**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo: Fapesp, 1999.

_____. Construção e a reconstrução da velhice: família, classe social e etnicidade. In: NERI, Anita Liberalesso; DEBERT, Guita Grin (orgs.). **Velhice e sociedade**. Campinas: Papirus, p. 41 - 65, 1999.

DEPS, Vera Lúcia. Atividade e bem-estar psicológico na maturidade. In: NERI, Anita Liberalesso (org.). **Qualidade de vida e idade madura**. Campinas: Papirus, p. 57 – 77, 1993.

DESLANDES, Suely Ferreira. A construção do projeto de pesquisa. In: MINAYO, Maria Cecília de Souza; DESLANDES, Suely Ferreira; NETO, Otávio Cruz et al (org.). **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade**. Rio de Janeiro: Vozes, p. 31 - 50, 1994.

ENDO, Paulo. Sujeito histórico, sujeito psíquico. **Revista Kairós, Caderno Temático 2. Psicogerontologia: contribuições da psicanálise ao envelhecimento**. São Paulo: EDUC , 39 - 56, 2002.

ERBOLATO, Regina M. P. Leite. Gostando de si mesmo: a auto-estima. In: NERY, Anita Liberalesso e FREIRE, Sueli Aparecida (orgs.). **E por falar em boa velhice**. Campinas: Papirus, p. 33 – 54, 2000.

FREIRE, Sueli Aparecida, SOMMERHALDER, Cinara. Envelhecer nos tempos modernos. In: NERI, Anita Liberalesso; DEBERT, Guita Grin (orgs.). **E por falar em boa velhice**. Campinas: Papirus, p. 125 – 135, 2000

FREIRE, Paulo. **Conscientização: teoria e prática da libertação – uma introdução ao pensamento de Paulo Freire**. 3ª ed. São Paulo: Moraes, 1980.

_____. **Pedagogia do Oprimido**. 17ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

_____. **Pedagogia da autonomia**. 25ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.

FREITAS, Elizabete Viana de. Demografia e epidemiologia do envelhecimento. In: PY, Lígia; PACHECO Jaime Lisandro; SÁ Jeanete Liachh Martins de et al (orgs.). **Tempo de envelhecer: percursos e dimensões psicossociais**. Rio de Janeiro: NAU Editora, p. 19 – 38, 2004.

GARCIA, Denize Scivoletto Mazza. **A orientação educacional a serviço da educação permanente: uma experiência com idosos**. Dissertação. PUC, São Paulo: 2002.

GOLDSTEIN, Lucila L., SIQUEIRA, Maria Elaine Catunda de. Heterogeneidade e diversidade nas experiências de velhice. In: NERI, Anita Liberalesso; DEBERT, Guita Grin (orgs.). **E por falar em boa velhice**. Campinas: Papirus, p. 113 – 124, 2000.

GOMES, Romeu. O trabalho de campo como descoberta e criação. In: MINAYO, Maria Cecília de Souza; DESLANDES, Suely Ferreira; NETO, Otávio Cruz et al (org.). **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade**. Rio de Janeiro: Vozes, p. 51 - 80, 1994.

GUERREIRO, Tânia, RODRIGUES, Regina. Envelhecimento bem-sucedido: utopia, realidade ou possibilidade? Uma abordagem transdisciplinar da questão cognitiva. In: VERAS, Renato Peixoto; FRANÇA Lucia; GUERREIRO Tânia et al (org.). **Terceira Idade: alternativas para uma sociedade em transição**. Rio de Janeiro: Relume Dumará: UERJ, UnATI, p. 51 – 69, 1999.

KAUFMAN, Tânia. **A idade da Cada um: vida plena na velhice**. Petrópolis: Editora Vozes, 1982.

LASCA, Valléria Belini. **Treinamento de memória no envelhecimento normal: um estudo experimental utilizando a técnica de organização**. 2003. Dissertação – UNICAMP, Campinas.

LIBERATO, Elizabeth Moraes. **A Faculdade da 3ª Idade e o processo desencadeador da participação e da ação social ampliada**. 1996. Monografia (Curso de Especialização em Gerontologia Social) – UNIVAP, São José dos Campos, São Paulo.

_____. Educação Continuada e Faculdade da Terceira Idade. **Revista A terceira Idade**. São Paulo: SESC, ano IX, n. 12: 11 – 13, outubro, 1996.

_____. **As Interfaces do serviço social: a revelação no discurso e na ação.**

Tese – UNESP, Franca:1997.

LIMA, Mariuza Pellozo. **Gerontologia Educacional: uma pedagogia específica para o idoso: uma nova concepção de velhice.** São Paulo: LTr, 2000.

LUNA, Sérgio Vasconcelos de. **Planejamento de pesquisa: uma introdução.**

São Paulo: Educ, 2002.

MACHADO, Nilson José. **Educação: Projetos e Valores.** 5ª ed. São Paulo:

Escrituras Editora, 2004.

MARTINELLI, Maria Lúcia. Seminários sobre metodologias qualitativas de pesquisa. In: MARTINELLI, Maria Lúcia (org.). **Pesquisa qualitativa: um instigante desafio.** São Paulo: Veras editora, p. 11 – 27, 1999.

MEDEIROS, Suzana Rocha. Como pensar a vida. **Revista Serviço Social e Sociedade, Velhice e Envelhecimento.** São Paulo: Cortez Editora, ano XXIV, n. 75: 187-190, 2003.

_____. O novo velho. **Revista Cláudia.** São Paulo: Editora Abril, ano 43, n.3, março: 128-131, 2004.

_____. O lugar do velho no contexto familiar. In: PY, Lúgia; PACHECO Jaime Lisandro; SÁ Jeanete Liachh Martins de et al (orgs.). **Tempo de envelhecer: percursos e dimensões psicossociais.** Rio de Janeiro: NAU Editora, p. 185 – 200, 2004.

MEIRA, Silvia Assinati. **Um olhar aquém do envelhecimento: o portador de deficiência múltipla em processo de envelhecimento.** Dissertação. PUC, São Paulo: 2002.

MERCADANTE, Elisabeth Frohlich. **A construção da identidade e da subjetividade do idoso.** Tese. PUC, São Paulo: 1997.

_____. Velhice: a identidade estigmatizada. **Revista Serviço Social e Sociedade, Velhice e Envelhecimento.** São Paulo: Cortez Editora, ano XXIV, n. 75: 55-73, 2003.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. Ciência, técnica e arte: o desafio da pesquisa social. In: MINAYO, Maria Cecília de Souza; DESLANDES, Suely Ferreira; NETO, Otávio Cruz et al (org.). **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade.** Rio de Janeiro: Vozes, p. 07 - 29, 1994.

MONTEIRO, Pedro Paulo. **Envelhecer: histórias – encontros – transformações.** 2ª ed. Belo Horizonte: Autêntica: 2003.

MORIN, Edgar. **Os sete saberes necessários à educação do futuro.** 6ª ed. São Paulo: Cortez, 2002.

MOREIRA, Daniel Augusto. **O método fenomenológico na pesquisa.** São Paulo: Pioneira Thomson, 2002.

NASCIMENTO, Ivany Pinto. **As representações sociais do projeto de vida dos adolescentes: um estudo psicossocial.** 2002. Tese – PUC São Paulo.

NERI, Anita Liberalesso. Qualidade de vida no adulto maduro: interpretações teóricas e evidências de pesquisa. In: NERI, Anita Liberalesso (org.). **Qualidade de vida e idade madura**. Campinas: Papirus, p. 09 – 55, 1993.

NÉRI, Anita Liberalesso; CACHIONI, Meirre. Velhice bem-sucedida e educação In: NERI, Anita Liberalesso; DEBERT, Guita Grin (orgs.). **Velhice e sociedade**. Campinas: Papirus, p. 113 - 140, 1999.

_____. **Palavras-Chave em Gerontologia**. Campinas: Editora Alínea, 2001.

NETO, Otávio Cruz. O trabalho de campo como descoberta e criação. In: MINAYO, Maria Cecília de Souza; DESLANDES, Suely Ferreira; NETO, Otávio Cruz et al (org.). **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade**. Rio de Janeiro: Vozes, p. 51 - 66, 1994.

NETTO, Antônio Jordão. Universidade Aberta para a Maturidade: avaliação crítica de uma avançada proposta educacional e social. In: KACHAR, Vitória; CUNHA Antonia de Almeida; Netto, Antonio Jordão et al (org.). **Longevidade: um desafio para a educação**. São Paulo: Cortez, p. 45 - 61, 2001.

NOVAES, Maria Helena. **Psicologia da terceira idade: conquistas possíveis e rupturas necessárias**. 2ª ed. Rio de Janeiro: NAU, 2000.

OLIVEIRA, Rita de Cássia da Silva. **Terceira Idade: do repensar dos limites aos sonhos possíveis**. São Paulo: Paulinas, 1999.

PALMA, Lúcia Terezinha Saccomori. **Educação Permanente e qualidade de vida: indicativos para uma velhice bem sucedida.** Passo Fundo: UPF Editora, 2000.

PACHECO, Jaime Lisandro. Trabalho e aposentadoria. In: PY, Lúgia; PACHECO Jaime Lisandro; SÁ Jeanete Liachh Martins de et al. (orgs.). **Tempo de envelhecer: percursos e dimensões psicossociais.** Rio de Janeiro: NAU Editora, p. 201 – 228, 2004.

PEIXOTO, Clarice. De volta às aulas ou de Como ser estudante aos 60 anos. In: VERAS, Renato Peixoto; FRANÇA Lucia; GUERREIRO Tânia et al (org.). **Terceira Idade: alternativas para uma sociedade em transição.** Rio de Janeiro: Relume Dumará: UERJ, UnATI, p. 41 – 74, 1997.

PRÉTAT, Jane R. **Envelhecer: os anos de declínio e as transformação da última fase da vida.** São Paulo:Paulus, 1997.

PY, Lúgia. Envelhecimento e subjetividade. In: PY, Lúgia; PACHECO Jaime Lisandro; SÁ Jeanete Liachh Martins de et al (orgs.). **Tempo de envelhecer: percursos e dimensões psicossociais.** Rio de Janeiro: NAU Editora, p. 109 – 136, 2004.

RODRIGUES, Leda Maria. **Brotas: um projeto de vida: memórias de imigrantes.** 1992. Dissertação de Mestrado – PUC São Paulo.

SÁ, Jeanete Liasch Martins de. Educação e envelhecimento. In: PY, Lúgia; PACHECO Jaime Lisandro; SÁ Jeanete Liasch Martins de et al (orgs.). **Tempo de**

envelhecer: percursos e dimensões psicossociais. Rio de Janeiro: NAU Editora, p. 345 – 374, 2004.

SALGADO, Marcelo Antonio. **Velhice, uma nova questão social.** 2ª ed. São Paulo: SESC – CETI, 1982.

SANT'ANNA, Maria Josefina Gabriel. UnATI, a velhice que se aprende na escola. In: VERAS, Renato Peixoto; KALACHE, Alexandre; COUTINHO, Evandro, et al (org.). **Terceira Idade: desafios para o terceiro milênio.** Rio de Janeiro: Relume Dumará: UERJ, UnATI, p. 75 – 102, 1997.

SCHARFSTEIN, Eloísa Adler. Intervenção psicossocial In: PY, Lúcia; PACHECO Jaime Lisandro; SÁ Jeanete Liachh Martins de et al (orgs.). **Tempo de envelhecer: percursos e dimensões psicossociais.** Rio de Janeiro: NAU Editora, p. 321 – 344, 2004.

SANTOS, Andréa Temponi dos, SÁ, Maria Auxiliadora Ávila dos Santos. De volta às aulas: ensino e aprendizagem na terceira idade. In: NERI, Anita Liberalesso; DEBERT, Guita Grin (orgs.). **E por falar em boa velhice.** Campinas: Papyrus, p. 91 – 99, 2000.

SEN, Amartya. **Desenvolvimento com liberdade.** São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

SETÚBAL, Aglair Alencar. Análise de conteúdo: suas implicações nos estudos das comunicações. In MARTINELLI, Maria Lúcia (org.). **Pesquisa qualitativa: um instigante desafio.** São Paulo: Veras editora, p. 59 – 84, 1999.

SILVA: Joseane Rodrigues. **O significado do curso de gerontologia na formação de estudantes de fisioterapia da UNIOESTE**. Dissertação. PUC, São Paulo: 2005.

SIMÕES, Helena Halha. Resiliência e desenvolvimento pessoal. In: TAVARES, José; YUNES, Maria Ângela Mattar; SZYMANSKI, Heloísa et al (org.). **Resiliência e Educação**. 2ª ed., São Paulo: Cortez, p. 95 – 113, 2001.

STANO, Rita de Cássia M. T. Espaço escolar: um tempo de ser-na-velhice. In: KACHAR, Vitória; CUNHA Antonia de Almeida; Netto, Antonio Jordão et al (org.). **Longevidade: um desafio para a educação**. São Paulo: Cortez, p. 155 – 168, 2001.

TRIVIÑOS, Augusto N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Editora Atlas, 1990.

VALENTE, José Armando. Aprendizagem continuada ao longo da vida: o exemplo da 3ª idade. In: KACHAR, Vitória; CUNHA Antonia de Almeida; Netto, Antonio Jordão et al (org.). **Longevidade: um desafio para a educação**. São Paulo: Cortez, p. 27 – 44, 2001.

VARELLA, Ana Maria Ramos Sanches. **Envelhecer com desenvolvimento pessoal**. São Paulo: Escuta, 2003.

VERAS, Renato P. A longevidade da população: desafios e conquistas. **Revista Serviço Social e Sociedade, Velhice e Envelhecimento**. São Paulo: Cortez Editora, ano XXIV, n. 75: 05 –14, 2003.

ANEXO 1

PERFIL SÓCIO-ECONÔMICO DA FACULDADE DA TERCEIRA IDADE UNIVAP

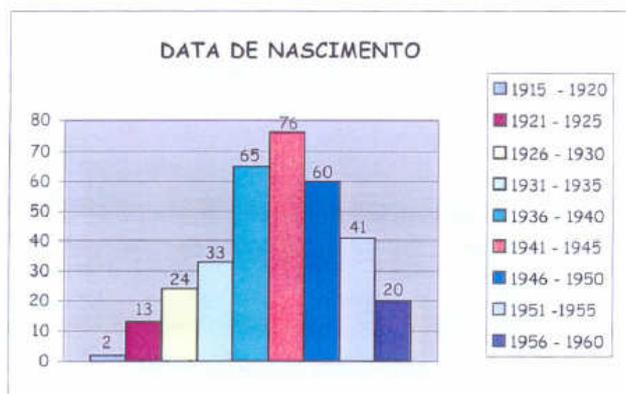
(2º SEMESTRE DE 2005)



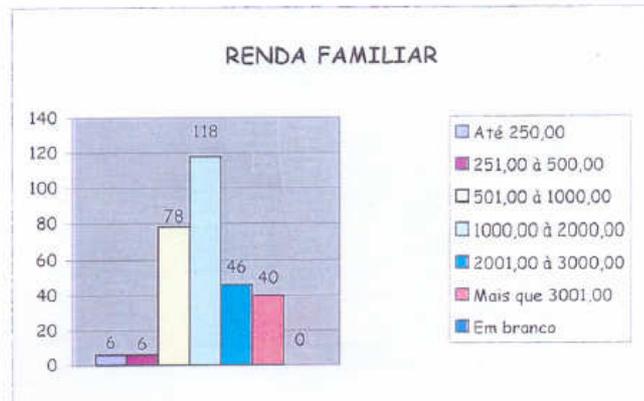
No segundo semestre de 2005, a Faculdade da Terceira Idade UNIVAP, contou com 339 idosos inscritos. Destes, 307 eram mulheres e 32 homens.



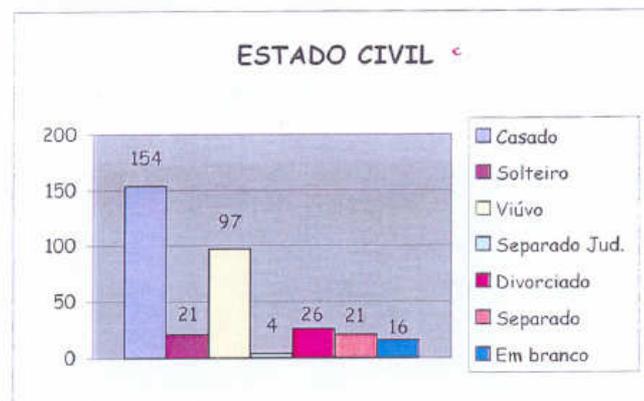
É expressivo a quantidade de idosos que residem com filhos (91), casal com filhos (86), sozinhos (70), e a minoria reside com parentes.



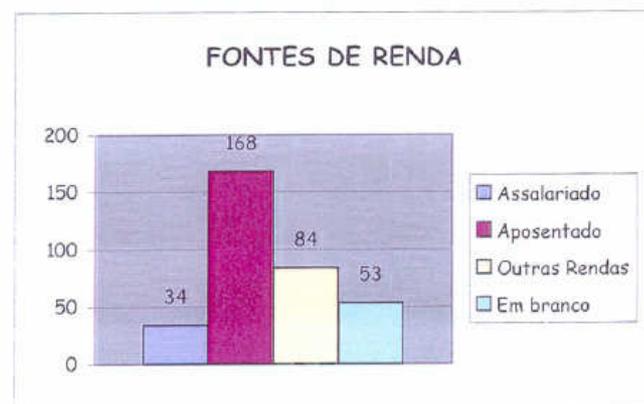
O aluno mais idoso tem 90 anos, o mais jovem tem 45 anos e a idade que prevalece é entre 60 e 64 anos.



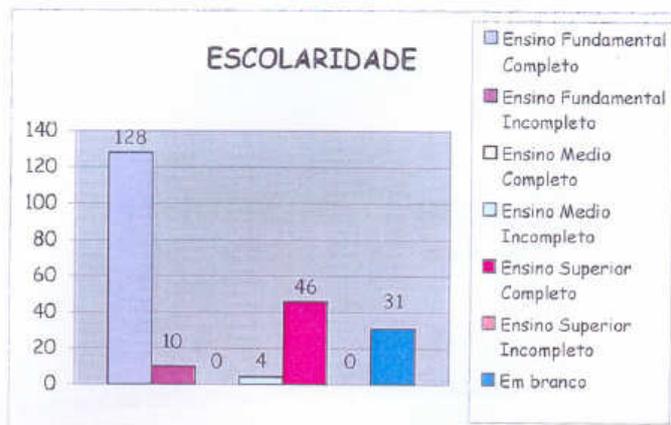
A renda que prevalece é entre R\$ 1000,00 e R\$ 2000,00 (118).



A maioria dos idosos desta faculdade são casados (154) e viúvos (97).



Dados apontam que a maioria (168), possui como fonte de renda a aposentadoria.



Outro dado relevante, é que 128 alunos possuem ensino fundamental completo, e a minoria, 4, possui o ensino médio completo.



Dos alunos inscritos na Faculdade da Terceira Idade UNIVAP, é relevante, o tipo de residência. Destes, 269 moram em casa própria e somente 8 moram em residência cedida.

ANEXO 2a

CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Prezado Sr, _____
solicito seu consentimento para participar da nossa pesquisa cujo nome
é: _____,
que está sendo realizada no Programa de Estudos Pós-Graduados em
Gerontologia da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo
(PUC/SP).

Todas as informações colhidas através do questionário são
absolutamente sigilosas e serão mantidas comigo e seu nome jamais
será mencionado na divulgação dos resultados da pesquisa. Sua
participação é absolutamente voluntária.

Agradeço-lhe a atenção e deixo o meu telefone para contato.

Pequisadora: Débora Wilza de Oliveira Guedes

Fone: (12) 39316813 (12) 91211799

São José dos Campos, / /

ANEXO 2b

AUTORIZAÇÃO

Por este instrumento de autorização, por mim assinado, dou pleno consentimento a aluna, do Programa de Pós-Graduados em Gerontologia da PUC/SP, Débora Wilza de Oliveira Guedes para aplicar este questionário que será utilizadas na pesquisa "Educação Continuada e Projeto de Vida de Pessoas do Idosas".

Tenho pleno conhecimento que não haverá desconforto, danos e/ou riscos à minha pessoa decorrentes da pesquisa. Tenho ainda a liberdade de me recusar a participar ou retirar-me em qualquer fase da pesquisa, sem penalidade ou prejuízo. Tendo assegurado a garantia de sigilo e privacidade, quanto aos dados confidenciais envolvidos na pesquisa. Além de não haver nenhuma forma de indenização ou ressarcimento das despesas decorrentes da participação na mesma.

Concordo plenamente que todos os dados obtidos do questionário, e quaisquer outras informações concernentes aos mesmos constituam propriedades exclusivas da aluna, à qual dou pleno direito, uso na elaboração da pesquisa, e divulgação pública em geral, como também em congresso e/ou revista científica – nacional ou estrangeira –, respeitando os códigos de ética.

São José dos Campos, ___ de _____ de _____

Assinatura

Nome: _____

RG: _____

ANEXO 3

ROTEIRO PARA ENTREVISTA

Nome: _____

Idade: _____ Sexo: _____ Estado Civil: _____

Grau de Escolaridade: _____

Residência: Rua _____

Bairro: _____

Início da sua participação na Faculdade da 3ª Idade Univap: _____

1. Liberdade

1.1 O que é liberdade para o senhor(a)?

1.2 O envelhecimento proporciona liberdade?

1.3 Na sua visão, como o envelhecimento pode causar mais liberdade?

2. Auto-Estima

2.1 O que é auto-estima?

2.2 Como está a sua auto-estima?

2.3 O envelhecimento causou alguma mudança na sua auto-estima?

3. Educação Continuada

3.1 Antes do(a) senhor(a) freqüentar a Faculdade da Terceira Idade Univap, qual era o significado de voltar a estudar?

3.2 O que fez o senhor(a) ter a iniciativa de voltar a estudar?

3.3. Mudou alguma coisa na vida do(a) senhor (a) depois que o(a) senhor(a) voltou a estudar?

4. Projeto de Vida

4.1 A participação do(a) senhor (a) na Faculdade da Terceira Idade Univap ajudaram no(a) a retomar algum sonho, desejo, vontade ou projeto de vida?

4.2 A convivência que o(a) senhor(a) obteve na Faculdade da Terceira Idade Univap ajudaram no(a) a retomar algum sonho, desejo, vontade ou projeto de vida?

4.3 Por que o(a) senhor(a) não realizou (ou não havia realizado) seus sonhos?

4.4 O fato do(a) senhor(a) ter voltado a estudar proporcionou sonhos, desejos, vontade ou projetos de vida que o(a) senhor(a) ainda não havia tido? Que são novos?

4.5 Qual é o seu projeto de vida para o futuro?